

[TT00448]

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Antonio José da, Silva

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Esopaida, ou , Vida de Esopo

ESOPAIDA OU VIDA DE ESOPO

Ópera que se apresentou no Teatro do bairro Alto de Lisboa, no mês de Abril de 1734.

Antônio José da Silva (o judeu)

ARGUMENTO

Esopo, filósofo, sendo cativo de Zeno, foi vendido a Xanto, filósofo ateniense, o qual estimou muito a Esopo, por ser gracioso e sábio. Este, servindo a seu senhor Xanto em a cidade de Atenas, venho sobre a mesma cidade el-rei Cresso de Lídia com um grande exército. Foi insinuado pelo oráculo de Júpiter que Esopo, como sábio, fosse o diretor da defesa dos Atenienses, e com seus ardis os livrou, dando o povo a Esopo a liberdade em benefício da pátria. Casa Periandro com Filena, filha de Xanto. El-rei Cresso premeia os grandes merecimentos de Esopo, fazendo-o governador da cidade, e levanta o cerco. O mais se verá em o contexto da história.

INTERLOCUTORES

Cresso, rei da Lídia; Zeno, filósofo, senhor de Esopo; Periandro, discípulo de Xanto, amante de Filena; Ênio, discípulo de Xanto; Temístocles, senador; Filena, filha de Xanto; Eurípedes, mulher de Xanto; Geringonça, criada de Eurípedes; Esopo, filósofo; soldados e coro.

CENAS DA I PARTE

- I. Mutação da praça, com casas, e uma feira com gente.
- II. Mutação de câmera.
- III. Mutação de sala.
- IV. Mutação de câmera.
- V. Mutação de mar.
- VI. Praça, mutação de exército.
- VII. Mutação de templo.

CENAS DA II PARTE

- I. Mutação de selva
- II. Mutação de arraial.
- III. Mutação de selva
- IV. Mutação de câmera.
- V. Mutação de arraial.
- VI. Mutação de pátio escuro.
- VII. Mutação de câmera.
- VIII. Mutação de arraial.
- IX. Mutação de jardim.
- X. Mutação de sala.

ATO I

CENA I

PARTE I (*)

CENA I

Depois de cantar o coro, descobre-se a praça com fonte, e haverá como uma freira, com grande concurso de homens e mulheres, e irão saindo Zeno com os dois escravos, e Esopo mais atrás.

Zeno. Notável dia de feira, para um homem ganhar com estes três escravos sequer duzentos por cento, que não é usura! Oh, queria Júpiter que não chova! Não me dirás, Esopo, já que és tão prezado de respondão, porque quase sempre em todas a feiras chove?

Esopo. Isso tem pouco que saber: porque, como quase sempre as freiras se fazem nos Rossios*, por força se hão-de molhar, ou rociar as feiras.

(*) Antônio José da Silva decerto conheceu as duas comédias do escritor francês Boursault (1638-1701), intituladas *Les Fables d'Esopé* ou *Esopé à la ville* e *Esopé à la Cour*, que aliás pouca influência nele exerceram: as duas peças são em verso e há em ambas a preocupação de vulgarizar as fábulas do protagonista. Eis como o autor se exprime no final do Prólogo da primeira das comédias:

Par les fables qu'il cite en différent endroits, il se mostre à vos yeux tel qu'il fut autrefois.

Pesez-en le mérite en juges équitables:

Vous le méconnaîtrez, s'il ne disait des fables;

Et vous auriez dans l'âme un sensible dépit

De le voir par se bosse, et non par son esprit

*Rociar - Esopo faz trocadilho com as palavras Rossio (antigamente escrito Rocio) e rociar.

Zeno. Que depositasse a Providência em vaso tão tosco uma alma tão perfeita, como a deste Esopo!

I. Escravo. Para que nos trará nosso patrão hoje à feira? Isso é novidade.

II. Escravo. E O que mais me faz desconfiar é o vestir-nos com roupas novas e trazer-nos mui franças*. Que dizes, Esopo? Que será isto?

Esopo. De sorte, meus amigos, que segundo a perspectiva em que estamos, cheira-me isto a que nosso patrão nos traz aqui para que alguém se namore de nós para casar; porque ele é muito amigo de fazer geração na bolsa.

I. Escravo. Não; isto á mais alguma coisa.

II. Isso é o que quer que é.

Esopo. Seja o que for: nunca cuidei no que está para vir. Não há cousa como um criado ser bem procedido de unhas em fora, que logo não tem que temer, nem que cuidar; e para que

Esopaida, ou , Vida de Esopo

vejais o quão pouco se me dá isso, vamos vendo esta feira.

Zeno. Onde, Esopo, vás? Tu não ouves? Com que falo eu?

Esopo. É comigo?

Zeno. Sim.

Esopo. Eu não me chamo Esopo Vaz; sou Esopo só, nu e espúrio, como minha mãe me pariu.

Zeno. Aonde ias, entremetido?

Esopo. Se eu fora entremetido, perguntara a vossa mercê para que nos traz hoje a esta grande feira.

*França- garrido; bem vestido.

Zeno. Para vender-nos a todos três; pois todos três sois intoleráveis pelas vossas manhas; porque tu és um bêbado, e tu um ladrão.

Esopo. Visto isso, quem comprar este, sendo ladrão, compra-o com sisa e tudo. Esopo. Eu, Senhor, quais são as minhas habilidades, ou virtudes?

Zeno. São boas! Primeiramente mexiriqueiro e bacharel.

Esopo. Se eu fora bacharel, soubera Direito; se eu soubera Direito, eu me endireitaria, e não fora corcovado; não é por í que vai o gato às filhoses. Tem mais de que se acuse?

Zeno. Mais tenho! Esopo. O ser alcoviteiro não presta?

Esopo. Eu digo que não presta; mas olhe, o que lhe digo é que, se vossa mercê me vende por isso, que não faltará quem por isso me compre. Ora o certo é que estamos em um tempo que se não sabem estimar os homens de prendas ou as prendas dos homens! Se vossa mercê bem soubera o que eu sou, talvez que me não vendera. Porém, falando com a mais cativa reverência, não é o mel para a boca do sino.

Zeno. Qual é o mel, e qual é o asno?

Esopo. O asno, falando por entre os dentes, é vossa mercê, e o mel é o que sai e o que levo do tinteiro.

Zeno. Acaba por isso, que, se começas com arengas, nunca acabarás. Mas enquanto vem chegando os feirantes, vamos passeando por esta praça. Que te parece? Não é boa?

Esopo. De boa tem pouco.

Zeno. Pois acha que esta praça não é boa? Que acha que lhes pões?

Esopo. Senhor, não pode deixar de ser achacada uma praça com fontes; e ao meu ver tem dor de pedra, porque urina devagar.

Homem. Ah, sô amigo*, que procura? Se quer uma boa espada, aqui tem.

Esopo. Sou tentado com espadas; este homem é bruxo; adivinhou-me o gênio. Vejamos lá que tal é.

Esopo. É uma folha velha.

Esopo. Folhinha velha, isso é do ano passado; não me serve para este; quero uma folhinha para este ano que vem, com um eclipse de estocadas.

Homem. Não me entende? Digo que tem aqui uma espada velha.

Esopo. Pior! Eu não quero senão uma espada nova; e vem cá o senhor à feira com uma espada velha!

Homem. Vá-se daí, que não entende de espadas; aí tem rocas; vá comprá-las.

Esopo. O homem não tem isso. (À parte). Pois fia você de mim, que não entendo de espadas? Pois saiba que meu pai foi um ferro-velho; e, quando me gerou na bainha de minha mãe, nasci eu tão espadaúdo, que cuidou a comadre** que era eu um peixe-espada; e por final, que com poucos dias de nascido me punham à cabeceira uma espada nua, por amor das bruxas.

*Ah, sô amigo, etc. - Há idênticas intervenções de vendedores nas peças - Das Padeiras de Lisboa e Das Regateiras de Lisboa - insertas na Musa Entretenida, que citamos no Prefácio (pág. XXIII).

**Comadre - parteira.

Homem. Passa fora, carcunda *; onde levas a merenda às costas?

Esopo. A das costas é minha, e a que estás mais abaixo é para você.

Outro. Fora, poeta.

Esopo. Olha tu, não te faça uma sinalefa na cara, e um poema de pés quebrados.

Zeno. Valha-te o Diabo, maldito! Não te calarás, que és aqui a fábula de Esopo.

Mulher. Aqui tem boas couves, menino; merque comigo.

Esopo. Deveras, que a menina das couves não é mau repolho para a panela do amor.

Mulher. Olhai quem fala m amor! Tira-te lá, espantalho; não me enguices a venda.

Esopo. Eu nunca vi Vénus com venda. Vem** vocês? Esta couveira me há-de enterrar no cemitério dos seus olhos, que são dous valentes carneiros.

10 Escravo. Dize-lhe dessas.

Esopo. Chitom ***, que aí vem nosso patrão direito como um fuso; esperem, esperem, que ele lá vai para a feira das bestas. Ah, senhor, aonde vai? Também a vossa mercê se quer vender?

Zeno. Que dizes? Arre para cá, não se troque vossa mercê; ao depois não o poderemos conhecer; e, quando não, ponha um sinal na orelha e vá-se.

*Carcunda - forma popular de corcunda.

**Vem (pl.) - vêm.

***Chitom (=chitão!) - silêncio!

Zeno. Como te tenho por bobo, tens licença para tudo.

Saem Xanto, Periandro e Ênio com vestidos talaes (*)

Xanto. Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potência visiva.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Periandro. Senhor mestre Xanto, sobre isso da potência visiva tinha eu um argumento, e muito forte.

Xanto. Periandro, fique-vos de advertência que nem todo o lugar é para todas as cousas; nas praças vende-se, e nas aulas argumenta-se.

Énio. Diz bem o nosso mestre; vós, Periandro, sois terrível.

Periandro. Esopo. Vós, Énio, também me quereis repreender? É. O que me falta!

Zeno. Senhor filósofo, vossa mercê porventura quererá comprar algum destes escravos?

Xanto. Eu só venho comprar um jumento para a nora da minha quinta.

Esopo. Eu nunca vi filósofo com quinta. (À parte)

Xanto. Porém, se contudo mo acomodar no preço, não se me dá de comprar um escravo. Nada tu cá. Que sabes fazer?

1o Escravo. Tudo.

Xanto. E tu?

2o Escravo. Eu tudo sei fazer.

Periandro. Quem tudo sabe, nada sabe.

Xanto. E tu mostro, que sabes fazer?

Esopo. Nada, graças a Deus.

(*) Talar - que desce até o calcanhar.

Xanto. Homem (se é que o és), é possível que não saibas fazer cousa alguma?

Esopo. Senhor, não se admire vossa mercê, que, como estes maus companheiros tomaram por sua conta o fazer tudo, não ficou para mim nada.

Periandro. Quer dizer nossa mercê da reposta *, Senhor Xanto?

Xanto. Está com subtileza. Ora dize-me: como te chamam?

Esopo. A mim chamam-me como me querem chamar; não há meia hora, que uns me chamaram poeta e outros carcunda.

Xanto. Pergunto o teu nome.

Esopo. Eu, senhor, com perdão de vossa mercê, chamo-me Esopo.

Xanto. Onde nasceste?

Esopo. Do ventre de minha mãe.

Xanto. Não me entendes? Em que lugar nasceste?

Esopo. Também não me disse minha mãe se me pariu em lugar alto ou baixo; mas cuido que foi aí a algures, ao pé de alguma cousa.

Periandro. Énio, o escravo tem atacado ao filósofo, nosso Mestre.

Xanto. Ou és mui simples, ou mui velhaco. Pergunto-te de donde és natural.

Esopo. À que del-Rei, Senhor, eu sou legítimo; não sou natural.

Xanto. Valha-te Deus; aonde é a tua pátria?

*Reposta - forma popular de resposta.

Esopo. Isso é outra cousa; sou de donde me vai bem , que aí é a minha terra. *

Xanto. Na verdade, que me tem admirado as respostas deste escravo! Hei de comprá-lo por todo o dinheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?

Zeno. Pois não quer estes dous, que são perfeitos, e só lhe agradou este bruto? Mas, como vossa mercê vinha comprar um jumento, levando a Esopo tudo vem a ser o mesmo.

Xanto. Eu, senhor, não compro as perfeições do corpo, mas sim as da alma.

Zeno. Uma vez que vossa mercê assim o quer, todas as vezes que me der dez moedas, leve-o.

Xanto. Aqui as tem.

Esopo. Que diabo estarão falando uns com os outros, apontando para mim? Eu estou vendido aqui! (À parte).

Xanto. Esopo, vai com o senhor Xanto, que a ele te vendi.

Esopo. Não disse eu que estava vendido? Vamos, senhor Xanto filósofo; mais saiba que ambos vamos vendidos.

Xanto. De que sorte?

Esopo. Eu, porque vossa mercê me comprou; e vossa mercê, porque não sabe o que leva em mim.

Xanto. O que eu levo em ti bem o sei.

Énio. Vamos, vamos para casa, que é tarde.

*Donde me vai bem, etc. - É tradução da frase latina, muito citada: Ubi bene, ibi patria. - Digo de Teive escreveu: Est patria ubi bene vixeris (Onde viveres bem, aí é a tua pátria).

Esopo. Adeus, adeus, meus amados companheiros; despeçamo-nos depressa, antes que as lágrimas tenham notícia depressa, antes que as lágrimas tenham notícia da nossa despedida, que, seclas o sabem, logo virão aos cardumes. Adeus: olhai, se vocês fugirem, não seja para a Braga, que é má terra para cativos.

Ambos os Escravos. Adeus, amigo.

Zeno. Esopo, não te despedes de mim?

Esopo. Como vossa mercê me despediu de si para sempre, não queira outra vez despedir-se. Vamos, senhores.

CENA II

CENA II

Mutação de câmera. Saem Filena e Geringonça

Filena. Falaste a Periandro?

Geringonça. Por mais que andei daqui para ali, não o pude ver.

Filena. Valha-te o demo, maldita, que não tens préstimo para nada! Como hei-de passar daqui até à noite, sem saber de ti, meu Periandro? Tu, morfina, tens a culpa de minhas ânsias.

Geringonça. Se são da madre, case-se, e deixe-me já com tais amores; porque vossa mercê me tem aqui para terceira da sua correspondência.

Filena. Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quase louca. Oh, quem me dera saber escrever, para todos os dias Ter novas luas, meu querido Periandro!

Sai Eurípedes

Eurípedes. Como é isso de meu querido Periandro?

Geringonça. Temos o caldo entornado!

Filena. Morfina de mim, que minha mãe me ouviu!

Eurípedes. Com que você já tem queridos! Está muito bem; teu pai saberá, desavergonhada!

Filena. Eu não sei o que vossa mercê diz. Sei o que tu fazes; por isso, vós, minha filha, andais sempre contando os buracos às rótulas, porque todo o fogo tendes no peito. Ah, velhaca, sonsa, solapada! Com que o senhor Periandro é o vosso amante! Por isso ele tomou por mestre a teu pai, pata ter pé de vir aqui todos os dias!

Filena. Olhe, minha mãe... porque eu... quando... sim...

Eurípedes. Que diabo dizes? Que falas, que nem atas nem desatas? Resta-me gora que te queiras desculpar.

Filena. Pois eu que fiz? Olhe que está boa!

Geringonça. Eu vou-me surrando *, que esta trovoada há-de parar em água. (Vai-se)

Eurípedes. Isto me faz desesperar! Tu podes negar o que eu vejo e o que agora te ouvi?

Canta Eurípedes e Filena a seguinte

ÁRIA A DUO

Eurípedes. Ingrata filha!

Filena. Brava mãezinha!

Eurípedes. Sempre doudinha te hei-de encontrar?

*Vou-me surrando - vou fugindo

Filena. Sempre doudinha
me há-de chamar?

Eurípedes. Tu com amores!

Filena. Eu? Não há tal.

Eurípedes. Ai, guarda lá.

Filena. Eu? Não há tal.

Eurípedes. Eu bem ouvia
que lhe dizias

que lhe querias

e que lhe morrias;

tudo sei já.

Filena. Basta mãezinha,

De consumir-me.

Ai, ouça cá.

Eurípedes. Para que negas?

Ambos. Não quer ouvir-me?

Filena. Ai, ouça cá.

Eurípedes. Ai, guarda lá.

Saem Xanto, Periandro e Esopo, que ficará como escondido.

Xanto. Esopo, espera aqui detrás desta cortina.

Esopo. É mui boa sala vaga!

Xanto. Amada Eurípedes, tardei muito?

Eurípedes. Isso é costume antigo. Onde vem a estas horas, tamanhão?

Esopo. Ela é desta casta? Boas novas para o pai da criança. (À parte).

Xanto. Ora não te agastes; que, se tardei, arrecadei.

Eurípedes. Que arrecadei? Que é o que me trazes da feira?

Filena. É para mim, paizinho?

Eurípedes. Sim, tudo há-de ser para ela? Não há-de ser senão para mim.

Xanto. Pois saibamos para quem há-de ser.

Ambas. Para mim.

X Pois lá se avenham com ele; aí o tem.

Sai Esopo

Eurípedes. Que horrível fantasma!

Filena. Que enorme espectáculo! Fugamos, minha mãe?

Eurípedes. Ai, senhores, que estou para me desmaiar! Ai, que ele se vem chegando! À que del-Rei!

Esopo. Ora eu não cuidava quer a tão feio, que metia medo!

Sai Geringonça

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Geringonça. Que gritos são estes, Senhora? Mas ai, coitada de mim, que demónio tão feio!

Periandro. Boa a veio vossa mercê fazer; ela lhe dará o recado.

Eurípedes. Deite-me esse monturo pela porta fora; não o quero em casa nem um instante.

Xanto. Maldito de todos os diabos, agora estás mudo? Dize-lhe alguma cousa, com que se desenfade e se alegre.

Esopo. Suponha vossa mercê que se me secou a prosa e que estou na hora do burro.

Xanto. Dize-lhe alguma cousa sequer.

Esopo. Já que me puxa pela língua, deixe-a agora comigo. Parece muito mal, Senhora Eurípedes, que vossa mercê se agaste com o senhor, seu marido, por lhe comprar ume escravo feio. Pois que queria? Queria um servo gentil-homem para ficar cativa dele? Queria um rapagão, roliço, alvo e loiro, olhos azuis, com o corpo à inglesa e pernas à francesa, para que logo meu Senhor com tal servo ficasse veado? Ora cuide em si e saiba estimar-me, que eu lho saberei merecer.

Eurípedes. Ai, só isso me fizera agora rir: és engraçado; já te vou perdendo o medo.

Xanto. Tu não sabes as prendas de Esopo; eu te prometo que gostes dele.

Eurípedes. Vem cá, Esopo; chega-te para mim.

Esopo. Agora também não quero, que tenho medo de vossa mercê. À que del-Rei, que tarasca! * Quem me acode, que me desmaio?

Eurípedes. Ora anda cá; façamos as pazes; olha bem para mim: és mui feio!

Esopo. Isso é mercê que vossa mercê me faz.

Filena. A cara parece um mono.

Esopo. Ora não me lisonjeie.

Geringonça. Ai, Senhora, cá lhe vi uma corcova atrás.

Esopo. Valha-te o demo a língua, que me descobriste uma falta que ninguém a havia de ver, se tu o não disseras!

Eurípedes. Ainda mais essa temos; é corcovado!

Esopo. Bem podem montar em mim, que, ainda que sou corcovado, não faço corcovas.

*Tarasca - mulher feia.

Xanto. Deixem ao pobre Esopo, que, assim como é, tem muito préstimo.

Eurípedes. Que habilidades tens, Esopo? Sabes cantar?

Esopo. Qual é o cativo que não sabe cantar al son del remo, y de la cadena?

Eurípedes. Sabes tanger?

Esopo. Sei tangei bois muito bem.

Eurípedes. Sabes ler?

Esopo. Não, senhora; escrever sim.

Filena. Meu pai, eu quero que Esopo seja meu mestre e que me ensine a ler e a escrever.

Xanto. Sim, Esopo, tu hás-de ensinar a esta rapariga a ler e a escrever; aí ta entrego.

Esopo. Testemunhas me sejam todos que o Senhor Xanto me entrega a sua filha; ao depois não se queixe. Esopo. E ela não tem maus bigodes! (À parte).

Periandro. Ora, Esopo, conta-nos alguma cousa da tua vida, que há-de ser cérebre.

Esopo. Senhor, a minha vida é mais larga que comprida.

Eurípedes. Dize, Esopo; dize alguma cousa.

Esopo. Ora vá de história. Gerou-me meu pai, e foi cousa para ver que, tanto que meu pai me gerou, logo minha mãe se sentiu prenhe e ficou tão soberba, que tudo enjoava; engordou tanto, que em nove meses se fez como uma bola; enfim, se não pare, arrebenta; deram-lhe as dores, e ao primeiro puxo saiu este criado de vossa mercê, e logo fui tão cortês, que caí prostado aos pés de minha mãe; pois só a esta devia pagar as páreas; porque não falta quem diga que minha mãe me pariu de um só parto, podendo-me parir de dous, que eu tinha corpo para tudo; e é de advertir que naquele tempo as mulheres eram as que pariam, e não como agora, que pare quem quer. Notou-se no meu nascimento que eu nascera Benfeitor nu e em pele; e, como nascia para ser escravo, logo se me viu o ferrado. Tanto que eu nasci, como minha mãe era muito amante dos filhos, logo me mandou enjeitar. Enfim, fui crescendo aos palmos e, apenas tinha sete anos, logo comecei falar tão perfeitamente, que não se me entendia palavra. Toda a minha vida foi sempre prodigiosa; de sorte que já anda em livros por todo o Mundo; e agora me dizem que se está representando no Bairro Alto.

Periandro. Notável é a tua vida!

Xanto. Esopo, aqui te entrego esta casa e te faço meu mordomo.

Eurípedes. Vamos, Filena.

Filena. Periandro, logo falaremos; não te ausentes. (Vai-se).

Periandro. Aqui ficarei esperando por esse Sol que me anima. Ai, amor, quando hás-de favorecer a um amante das tuas aras, que, nos suspiros que exala, acende as chamas nos sacrifícios que vota?

Sai Filena.

Filena. Periandro, seguramente podemos falar, pois todos lá ficam dentro rindo-se com Esopo, que sem dúvida amor o trouxe aqui, para que seja o terceiro de nossos amores.

Periandro. Essa fortuna devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondência; e, porque agora falamos de amor, escuta, Filena, a frase das melhores expressões.

SONETO

Minha amada, Filena, doce emprego, de amorosos enleios labirinto,

São tais a ânsias que amoroso sinto,

Que sem morrer mil vezes não sossego.

Em mar de pranto, mísero navego.

Quando amante, naufrago; porém minto,

Porque eu mesmo o martírio já consinto,

Pois busco as pernas morto, as luzes cego.

Oh, morra já minha alma enternecida!

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Oh, viva alegre nessa luz serena!

Contente aspiro tão ditosa lida;

Pois consegue esta dor, que me condena,

Um triunfo a teus olhos cada vida,

Cada morte um glória à minha pena.

Filena. Periandro, as tuas finezas, por encarecidas,

Me parecem mais lisonjas que realidades; e

Assim, apelo para o tempo, que só este será o fiador

Da tua constância; porque, sendo tu firme, eu não

Deixarei de ser leal.

Periandro. Formosa Filena, ainda duvidas da

Minha lealdade? Não tens lido nos caracteres de

Meus suspiros as firmezas do meu amor? Não vês

No espelho das minhas lágrimas a imagem dos meus extremos? Pois seguro-te, meu bem, que, apesar de tudo, hei-de ser sempre firme, constante e leal.

Canta Periandro a seguinte

ÁRIA

Primeiro verás, Filena,

Enregelar-se o fogo,

Mover-se o duro monte,

Cair esse horizonte

Que em meu amante rogo

Se encontre o variar.

Se, pois, amor ordena

Que adore essa beleza,

Será minha firmeza

Eterna em te adorar. (Vai-se)

Filena. Escuta, Periandro; meu bem, aonde vás?

Sai Esopo

Esopo. Que hei-de escutar? Que é o que diz?

Filena. Ai! És tu, Esopo? A bom tempo vieste.

Esopo. Sim; vim a bom tempo; mas eu lhe empatei o cozimento.

Filena. Meu Esopo, tenho um favor que e pedir; se o fazes, terás de mim quanto quiseres.

Esopo. Diga, diga; não gaste tempo, que pode vir seu pai. Eu assim tolamente lhe vou querendo bem. (À parte)

Filena. Bem sabes, Esopo, que não há peito tão isento, que não sinta a violências do amor.

Esopo. Que mais?

Filena. Isto suposto, saberás que quero bem... não sei como te diga.

Esopo. Eu estou vendo que ela se namorou de mim e tem pejo de mo dizer. (À parte)

Filena. Porque bem sabes, Esopo, que o amor é cego e em nada repara.

Esopo. Que mais claro mo há-de dizer? Pobrezinha não sabe como se explique; ora eu a ajudarei a dizer: Senhora, bem sei que o amor é cego e é monstro e que para cativar as almas, como cego, não repara em qualidades, e como monstro, não se lha dá de perfeições. Quer vossa mercê dizer que, apenas me viu, logo se rendeu, e que estala de amor por mim. Se é isso, esteja descansada, que lhe quero também muito, muito.

Filena. Sempre estás com gracinhas; pois logo em ti havia empregar o meu amor?

Esopo. Olhe vossa mercê, pois achava eu que não era nenhum despropósito; porque me tinha logo aqui à mão dentro de casa, sem o ir buscar à rua.

Filena. Eu quero bem a Periandro; e, como lhe não posso falar as vezes que quero, tu há-de ser o mediano da nossa correspondência.

Esopo. Isso, por outra frase, vem a ser alcoviteiro. Não é nada!

Filena. Pois que dizes?

Esopo. Senhora, em mim está mal o ofício d camaleão; isso não se acha em mim.

Filena. Meu Esopo, olha que to hei-de agradecer, e Periandro também.

Esopo. Senhora, tudo se pode fazer, sem que perigue o meu crédito e o seu amor, e poderemos ambos ficar bem.

Filena. De que sorte?

Esopo. Desta sorte: eu o que poderei fazer é levar-lhe algum recado ao Senhor Periandro, ou escrever-lhe alguma carta em seu nome, e fazer tudo o que vossa mercê me mandar; mas ser alcoviteiro, isso por nenhum modo.

Filena. Aceito o favor que me fazes.

Esopo. Ah, tirana! Não basta comer-me o amor, mas ainda me esfregas com zelos? Pois por vida de Esopo, que...

Filena. Quero, pois, Esopo, que digas a Periandro que ao pôr do sol...

Sai Xanto

Xanto. Que fazes aí, Esopo?

Esopo. Estava para dar lição à menina, e ela não queria.

Filena. Bem remediou. (À parte).

Xanto. Isso tem tempo. Filena, vai para dentro.

Filena. Que não pudesse dizer a Esopo o recado para Periandro! Ao depois lho direi. (À parte. Vai-se)

Xanto. Esopo, és capaz de guardar um segredo?

Esopo. Conforme a parte aonde eu o puser.

Xanto. Bem sabes que sou teu Senhor e que, se me fores leal, terás a liberdade; e assim saberás que eu sou frágil.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Esopo. Isso sei eu; diga o mais.

Xanto. E quem em matérias de amor todos são loucos; porque amor tem duas vendas: uma nos olhos, outra no entendimento.

Esopo. Rico amor será esse com duas vendas.

Xanto. Com que, não sei que diabo de feitiços me fez esta criada, para eu lhe querer bem.

Esopo. Ora tenha vergonha: um filósofo namorado de uma trapalhona e mondongueira! Em que consiste a sua filosofia? Visto isso, todos somos uns?

Xanto. Olha tu; também o amor é filosofia das almas, aonde com argumentos de finezas se prova o sistema da constância.

Esopo. Visto isso, eu também sou filósofo; pois, quando quero bem, logo é a concluir.

Xanto. Quem duvida que, e tens amor, que também és filósofo?

Esopo. Ora acabe com isso, que eu de mim para mim me tinha por filósofo; mas não o queria dizer com vergonha.

Xanto. Com que, Esopo, eu morro por Geringonça.

Esopo. Quem é Geringonça?

Xanto. É esta criada de casa.

Esopo. Olhe vossa mercê; agora sei que tem bom gosto; pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer; o certo é que todo o amor é geringonça.

Xanto. Dizes bem; porém, como minha mulher Eurípedes tem horrível condição e não sei se já presume alguma cousa, é-me preciso tratar isto com mais cautela; e assim tu hás-de ser o meu remédio.

Esopo. Purgativo, ou vomitório?

Xanto. Purgativo não, há-de ser vomitório; que lhe hás-de dizer que à noite me fale no jardim, e entanto tu ficarás divertindo a tua Senhora.

Esopo. Senhor, isto ninguém tal faz, sevandijar * vossa mercê um jardim com uma criada; e então aonde havia vossa mercê falar a uma Senhora?

Xanto. Não vês tu que a necessidade não tem lei, por amor dessa necessidade fale-se à criada em uma secreta, que é parte privada.

Xanto. Ora deixa disparates; isto te encomendo lhe digas. Olha não o saiba viva alma.

*Sevandijar - rebaixar.

Esopo. Eu lhe prometo que ninguém o saiba.

Xanto. Mas ela aí vem; eu me retiro, por me não achar aqui minha mulher, e dize-lhe tu o que te disse. Esopo, segredo, que importa. (Retira-se).

Sai Geringonça.

Geringonça. É possível, Esopo, que ainda não tiveste uma hora para me falares?

Esopo. É possível, Geringonça, que ainda não tiveste uma hora para me falares?

Geringonça. Esopo, ouve-nos alguém, que te quero comunicar um segredo?

Esopo. Ui, Senhores! Eu cuido que estou preso nesta casa; pois sempre estou em segredo. (À parte).

Geringonça. Dize: posso falar?

Esopo. Se não tens estupor na língua, bem podes falar.

Geringonça. Pois sabe que, apenas te vi, quando logo me furtaste o coração, me roubaste as potências e me ganhaste a liberdade.

Esopo. Daqui a pôr-me na forca não vai anda.

Mulher, eu furte-te alguma cousa?

Geringonça. Ah, ladrão de almas!

Esopo. Ladrão de almas?! Eu nunca andei com a bacia. *

Xanto. Não é nada; a moça namorou-se de Esopo! (À parte).

Geringonça. Esopo, eu perdida por ti de amor! Como há-de ser isto?

*Nunca andei com a bacia. - Censura aos que andavam pedindo para as almas e ficavam com parte do dinheiro recebido.

Esopo. Se estás perdida de amor, perde também as esperanças. Mas dize-me, mulher do diabo: que achaste em mim para me queres bem? Namorou-te este feitio?

Geringonça. O meu amor tem mais de peso, que de feitio.

Esopo. Namorou-te esta calva?

Geringonça. Não vês que a ocasião é calva, e tu foste a ocasião do meu amor?

Esopo. E estas pernas zaibras * são também ocasião de tu me queres bem?

Geringonça. Foram os arcos por onde o amor despediu as setas.

Esopo. Tudo está muito bem; mas parece-te bem esta corcova?

Geringonça. Essa corcova foi o monte de Vénus aonde achei a minha buena dicha. Mas para que te cansas, se para o meu gosto és um Adónis e com este Narciso!

Geringonça. Ora, Esopo, para que te cansas? Quem o feio ama, formoso lhe parece.

Conta Geringonça a seguinte

ÁRIA

Tens tal dengue, tens tal graça,

Que assim mesmo corcovado,

Escalvado,

Arrenegando,

Me namora esse rigor.

Ai, amor, que linda traça

Para me render, achaste,

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Se em Esopo cabeçudo

Nargudo,

Barrigudo,

Tenho posto o meu amor.

*zaibra - cambada ou cambaia (torta, com o joelho para dentro).

Esopo. Mulher, requeiro-te, da parte de Deus, que, em me querereres bem, não sabes o que fazes. Vai-te daí, que quem se namora de mim é capaz de se namorar de um burro.

Geringonça. Tu me desprezas? Olhem a que chegaram os meus pecados! Vejam quem! Um calvo!

Esopo. Qual calvo! Não vês que esta calva foi a ocasião do teu amor?

Geringonça. Tu me desdenhas, zaibro?

Esopo. Àgora zaibro! São os arcos, por onde amor despediu as setas...

Geringonça. Tu mo pagarás, corcovado.

Esopo. Isto não é corcova, é o monte de Vénus.

Geringonça. Vai-te daí, cão com trambolho. (Vai-se)

Esopo. Vai-te, cadela com almorreimas.

Sai Xanto

Xanto. Escravo desafortunado, porque não disseste o que mandei dizer a Geringonça?

Esopo. Como o havia de dizer, se vossa mercê me disse o que não soubesse alma viva?

Xanto. Isso não se entendia com Geringonça.

Esopo. Tenha mão: agora o colho. Vossa mercê me disse que o não soubesse alma viva; atqui *, que Geringonça é alma viva; ergo **, Geringonça por ser viva alma o não havia saber.

Xanto. Não te quisera tão filósofo agora.

Esopo. Como vossa mercê me disse que amor era filosofia, quis tomar bem lição.

Xanto. Tal estou de raiva, que te mataria agora. Não te aconteça outra; quando te mandar fazer alguma cousa, faze-a como te mando.

Esopo. Eu o farei.

Xanto. Andar; não tem remédio. Ouves tu? Amanhã tenho de dar um banquete aos meus discípulos, e te encomendo me ponhas na mesa a melhor cousa do mundo.

Esopo. Encomende-me cousas de comer, que disso eu melhor conta. (Vai-se)

CENA III

CENA III

Mutação de sala, e sairão Periandro e Énio.

Periandro. Énio, vós também sois convidado para o banquete de Xanto, nosso Mestre?

Énio. Os favores particulares, Periandro, serão só para vocês; porém os públicos serão para todos.

Periandro. Eu não vos entendo.

Énio. Homem, vós quereis tapar o céu com uma joieira? Pois bem público é que vós andais namorado de Dilena; e, sendo eu vosso amigo e condiscípulo, recatais de mim cousa que é tanto do vosso gosto?

*Aqti (átqui) - palavra latina: com efeito.

**Ergo (ergò) - portanto.

Periandro. Não me crimineis de não vos ter revelado este negócio, pois bem sabeis que o segredo é alma do amor *; e tanto o desejo recatar, que tomara de mim mesmo encobri-lo. É verdade que eu amo a Filena, porque a sua formosura pode cativar o mais livre alvedrio; mas com amor tão lícito, que não passa os limites da modéstia.

Énio. Como lhe podeis falar, tendo uma mãe de tão terrível condição?

Periandro. Quis a formatura trazer para isso a Esopo, que é ao mais fino alcoviteiro do mundo.

Énio. Ui! Tem mais essa habilidade?

Periandro. É juiz do ofício e padre-mestre na matéria.

Sai Esopo.

Esopo. Vossas mercês vieram a conversar, ou a comer? Ora vamos, que a sopa está esperando.

Énio. Vamos ver os teus cozinhados. (Vai-se).

Periandro. Esopo, que novas me dás de meu bem?

Esopo. A boas horas me pergunta pelo meu bem, ao mesmo tempo que me está a boca do estômago gritando que quer comer.

Periandro. Pois fala-me ao depois. (vai-se).

Descobre-se uma mesa e se irão assentando a ela Xanto, Énio e Periandro e os mais que puderem

*Nesta fala de Periandro, trocou o autor, para tirar efeito cómico, os lugares das palavras negócio e amor.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Xanto. Vamo-nos assentando sem cerimónia, que nos banquetes não. Há meses, nem discípulos. Mandei a Esopo que me pudesse nesta mesa a melhor cousa do mundo; veremos com que ele se desempenha.

Periandro. Com alguma parvoíce. Se vossa mercê se fiou da sua eleição, ficaremos em jejum.

Énio. Vamos nós comendo o que está na mesa, pelo sim, pelo não, que ele já tarda.

Sai Esopo com um prato

Esopo. Eis aqui a melhor cousa do mundo *.

Xanto. Descobre, e veremos.

Esopo. É um prato de línguas.

Xanto. Um prato de línguas? Como? Pois isso é a melhor cousa do mundo?

Esopo. Qual é a dúvida que a melhor cousa do mundo é a língua? Que coisa mais necessária no homem que a língua? Sem língua, ninguém pode falar; sem falar, ninguém se entende. A língua é alma dos conceitos, é o corretor dos comércios, é a taramela das portas da boca, é prancha dos comeres, é o esgaravador das gengives **, é a zagaratoa dos beiços, o planeta do céu da boca, e o badalo da campainha. Com a língua se lambe um prato; com a língua faz o arrieiro a cérebro cantiga, &c. Enfim, a língua do cão é o melhor remédio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Não sei que mais queria dizer, que o tinha debaixo da língua.

*Das anedotas, pelos antigos atribuídas a Esopo, a das línguas é a mais vulgarizada. António José da Silva, reconhecendo que com ela podia interessar e prender os espectadores, adaptou-a, mas deu-lhe maior desenvolvimento.

**Gengive - forma popular de gengiva.

Xanto. Nada nos dizes de novo, que bem sabemos que a língua é o oráculo do homem; porém, havemos só comer línguas?

Esopo. Senhor, muitos comem do que falam.

Periandro. Esopo fez o que lhe mandaram, como bom servo.

Xanto. Uma vez que a melhor cousa do mundo são as línguas, traze-me agora aqui a pior cousa do mundo.

Esopo. Com muito gosto; e venho já (Vai-se).

Periandro. É lástima que seja cativo quem tem tão livre o juízo para discorrer.

Énio. Não é essa a primeira sem-razão da natureza.

Xanto. Que diabo fazes, Esopo?

Esopo. Eis aqui a pior cousa do Mundo. (Sai)

Xanto. Que é isso que trazes?

Esopo. Outro prato de línguas.

Xanto. Mais como?! Se a melhor cousa do mundo são as línguas, como agora as línguas são as piores cousas do mundo?

Esopo. É filósofo, e não sabe que, sendo uma língua boa a melhor cousa do mundo, a pior é uma língua má? Uma língua má e estrago da honra; ela é a mãe dos mexericos, o pai dos enredos, a irmã das discórdias, a perturbadora da paz, o clarim da guerra, a sarna do sossego, a carepa das consciências, o despertador das vinganças e o instrumento da alcovitice. Não é assim, Senhor Xanto?

Xanto. Dize bem; eu te perdo a peça; e, pois há outro remédio, vamos comendo essas línguas e bebendo duas pingas. Ora lá vai à saúde de vossas mercês! (Bebe).

Esopo. Isso me parece bem; acendam-se no templo da barriga as alâmpadas de Baco.

Periandro. Lá vai à saúde da Senhora Eurípedes (Bebe).

Esopo. Tem razão; vá a virar.

Énio. Periandro, lá vai; já me entendeis. * (Bebe).

Periandro. Vá, eu correspondo (Bebe).

Esopo. Eu com esta garrafa irei fazendo as razões. Lá vai, ou cá vem à faude dos meus achaques (Bebe).

Xanto. Que achaques tem?

Esopo. Agora tenho gota.

Periandro. Énio. Énio, nosso Mestre não está todo trigo.

Xanto. Mui valente foi Hércules Tebano! Esopo, vamos queimar estes cães.

Esopo. Ai, ai, que está puxando!

Periandro. Apostemos nós que vossa mercê não há-de beber um tonel de vinho?

Xanto. Sou capaz de beber o mar; tenho dito.

Esopo. Não zombem com ele, que não só beberá o mar, mas tudo quanto se lança na praia.

Periandro. Ora quanto aposta vossa mercê, que não bebe o mar?

Xanto. Aposto tudo quanto possuo.

Periandro. Está apostado; venha sinal.

Xanto. Este anel.

Periandro. Está feito; quando há-de ser isso?

Xanto. Quanto quiseres.

*Énio, dirigindo-se a Periandro, bebe à saúde de Filena, por quem ele andava apaixonado.

Esopo. Vão falando, que eu vou bebendo.

Xanto. Esopo, leva essa língua a Geringonça, que com ela lhe explico o meu amor.

Esopo. Assim o farei. Esopo, hoje podes beber francamente.

Xanto. Viva Baco, e morra o mundo! (levantam-se).

Esopo. Morra o mundo, e abra-se Tróia.

Periandro. Ambos estão mui bêbados.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Énio. Estou envergonhado de ver esta lástima! Nisto param os banquetes!

Esopo. Estou tão alegre, que o corpo me pede folia.

Xanto. E a mim cóleras e iras, e parece-me que ouço instrumentos bélicos.

Esopo. Eu cuido que são bandurras; elas são, não são? Sim, são; escute, escute; são, são, elas são; pois cantemos.

Canta Esopo o seguinte

RECITADO

Lá vai à saúde dos Senhores,

E em suaves licores

Matarei a cruel melancolia,

Em doce hidropesia *.

Apesar do pesar e do cuidado,

Vestir quero a minha alma de encarnado.

*Hidropesia - hidropisia.

ÁRIA

Nas guerras de Baco,

Sem o chuço ou baoneta *,

Com esta trombeta

Toco a degolar, tan, taran, tan, tan,

Tudo terá fim, tirim, torom, tom, tom,

Tudo terá fim, tirim, tim, tim,

Prostrando as cavernas

De tantas tavernas,

Por que delas possa

Banco triunfar.

CENA IV

CENA IV

Mutação de Câmera. Saem Eurípedes e Geringonça

Eurípedes. Geringonça, que fizeste até agora?

Geringonça. Estive na cozinha dando ordem ao banquete; e o negro Esopo me deu tanta pressa, que andei atarantada.

Esopo. O Diabo levara os banquetes! Que há-de ser, se o tanto de meu marido deu-lhe hoje na birra fazer bródios nisso tem consumido o dote que me deu meu pai?

Geringonça. Ai, Senhora, também vossa mercê agora não tem razão. Ele que gasta, nem que bródios faz? Eu, há um ano que aqui estou, não vejo entrar nessa casa mais que chícharos e nabos.

Esopo. Ó desavergonhada, esta é a fama que deitas da minha casa?! Viste casa mais farta? Ainda a semana passada comprei dez réis de pepinos e já não há nenhum.

Geringonça. A minha barriga o sente.

Eurípedes. Bem sei que o teu mal não é outro, velhaca.

*Baoneta - baioneta.

Sai Esopo com um prato na mão

Esopo. Aqui tens, Geringonça, este prato e línguas, que te manda meu Senhor, e mais que não pode comer sem ti.

Esopo. Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Estás bêbado?

Esopo. Como lhe hei-de dizer? Soletreando?* A Geringonça em Geringonça.

Geringonça. Senhora, ele cheira muito a vinho; Não sabe o que diz.

Eurípedes. Assim o creio; mostra, que é para mim.

Esopo. é uma bala; é para Geringonça que meu Senhor lhe manda mesmo a ela; e por sinal me disse lhe dissesse, que com esta língua explicava o seu amor.

Geringonça. Não te calarás, infame?

Esopo. Tira-me tu a língua, que eu me calarei.

Esopo. Pois que tem teu Senhor com Geringonça, para lhe mandar presentinhos?

Esopo. Eu, Senhora, não sei; mas o que sei é que dizem as más línguas que meu Senhor é barregão ou barregana, não sendo senão camelão.

Eurípedes. Não te entendo.

*Soletreando - soletrando.

Esopo. Senhora, mais claro: meu Senhor quer-se fazer moço com a moça.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Eurípedes. Já te entendo.

Esopo. Ora graças a Deus, que já me entendeu!

Esopo. Eu estou tonta!

Eurípedes. É bem feito isto, atrevida? Tu desinquietando-me o meu homem! Há maior desaforo!

Geringonça. Eu, Senhora?! Não há tal. Esopo mente.

Esopo. Lá se avenham, que eu me vou escafedendo * (Vai-se).

Eurípedes. Ó perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hei-de moer (Dá-lhe).

Geringonça. À que del-Rei, que me mordeu no nariz!

Eurípedes. Aqui te hei-de fazer em picado com os dentes.

Geringonça. Ai, que me matam!

Há uma bulha, e sai Xanto

Xanto. Valha-te Deus, mulher! Sempre hás-de guerrear com esta coitadinha?

Eurípedes. Ainda acode por ela, magano, atrevido, sem honra, nem vergonha? Você namorando-me a moça?! Você mandando-lhe pratinhos da mesa?!

Xanto. Quem tal disse, mulher:

Eurípedes. Quem o disse? Ainda há-de negar que o mandou por Esopo? Ora chame-o e verá.

Xanto. Ó Esopo? Esopo?

Dentro de Esopo. Estou na tinta; assim sou eu asno, que apareça agora!

*Escafeder-se- esquivar-se; fugir.

Xanto. Não me ouves, Esopo? Ó Esopo?

Esopo. Estou zingando *.

Xanto. Ora eu te irei buscar, mais que estejas no inferno. Onde estás, maldito?

Esopo. Se eu quisera dizê-lo, então não me escondera.

Xanto. Anda para cá, insolente; que fazias aí escondido?

Esopo. Estava jogando a escondidas; também a gente há-de brincar! (Sai).

Xanto. Ei-lo aqui. Ora dize: eu mandei a Geringonça algumas línguas?

Eurípedes. Tu não disseste?

Esopo. Senhor, eu não quero meter a mão entre duas pedras. Olhem, por isso eu sou inimigo de enredos.

Eurípedes. Tu não mo disseste?

Esopo. Senhora, eu que tenho com isso? Está galante! Vossas mercês lá brigam, lá tem seus ciúmes, e eu então é que hei-de pagá-lo?

Eurípedes. Como é isso?! Tu não o negues; basta, fique com a sua mocinha, Senhor Xanto, que eu me vou para casa de meu pai. Estou ardendo! (À parte).

Xanto. Senhora, não se vá de casa, por sua vida.

Esopo. Deixe-a ir, que é uma boca menos em casa.

Eurípedes. Por estas, birbantão, que eu me verei vingada.

Xanto. Fale bem, aliás...

*Zingar - é brasileirismo que significa trabalhar com zinga, espécie de vara de que se servem os canoeiros na navegação fluvial.

Eurípedes. Ainda me indignas mais? Hei-de arrancar-te essas barbas.

Cantam Eurípedes e Xanto a seguinte

ÁRIA A DUO

Eurípedes. Vejo caduco!

Xanto. Bravo insolente!

Eurípedes. Tu com desvelos com uma michela!*

Xanto. Cal-te **, serpente; não grites mais.

Eurípedes. Hei-de gritar.

Xanto. Qués-te *** calar?

Eurípedes. A que del-Rei, que meu marido com torpes zelos me quer matar!

Xanto. Cal-te, serpente; não cuide a gente que faço tal.

Eurípedes. Por estas, velhaquete, que me-hei de ver vingada.

Xanto. Ó louca arrebatada, que me hás-de tu fazer?

Eurípedes. Hei-de me ir para casa de meu pai.

Xanto. Para casa te irás de Satanás.

Vai-se Eurípedes

Esopo. Esopo. foi-se como um foguete de rabo; porém eu hei-de de levar os estouros.

*Michela - meretriz.

**cal-te - cala-te.

***Qués-te - queres-te.

Xanto. Agora, Esopo, que mereces tu que te eu faça?

Esopo. Mereço um bom prémio.

Xanto. O prémio há-de ser este; toma, velhaco (Dá-lhe).

Esopo. Não aceito; tire-se para lá!

Xanto. Vês, infame, que por amor de ti se foi minha mulher de casa?

Esopo. Senhor, cuidava eu que vossa mercê me havia de agradecer o afugentar-lhe de casa um

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

drazão, uma víbora e um basilisco, que era aqui o veneno desta casa; e sobre fazer-lhe este bem, ainda vossa mercê se agasta? Esopo., se não, veja: é certo que vossa mercê queria falar a Geringonça no jardim esta noite; e que melhor ocasião podia vossa mercê Ter do quê, indo-se de casa a Senhora, sua mulher?

Esopo. Pior será, quando vossa mercê perder tudo quanto possui.

Xanto. De que sorte?

Esopo. De que sorte?! Não se lembra que prometeu no banquete beber o mar, e, se o não fizesse, que perderia toda a sua fazenda?

Xanto. Eu disse tal cousa?

Esopo. Esopo. por sinal que deu o seu anel; com que vossa mercê há-de beber o mar, ou livrar toda a sua fazenda?

Xanto. Eu disse tal cousa?

Esopo. Esopo. por sinal que deu o seu anel; com que vossa mercê há-de beber o mar, ou livrar toda a sua fazenda.

Xanto. Mal haja o banquete e mal haja o vinho, e mal haja eu, que me embebedei!

Esopo. Vossa mercê cuida que todos sabem embebedar-se? Ora aqui estou eu, que também me embolquei *, mas com tanta prudência, que não me meti a apostar, nem a não apostar.

Xanto. Já não tem remédio; o ponto está, como me hei-de eu haver; porque confessar que estava bêbado é injúria e grande ignomínia; beber o mar é impossível; perder os meus bens impraticável. Que farei neste caso, Esopo?

Esopo. Matar-se com um pouco de veneno, e com isto se acaba tudo.

Xanto. Ó Júpter, para quando guardais os rios?

Esopo. Há-de dizer isso a Baco, e não a Júpter.

Xanto. Meu Esopo, agora é que eu quero ver as tuas habilidades; se tu me livras deste empenho, eu te dou a liberdade.

Esopo. Pois, Senhor, para quando são a suas filosofias? Assentemos nós que a filosofia não serve senão para argumentar e quebrar a cabeça.

Xanto. Pois, homem, para esta ocasião é que eu quero que me valhas; tens a liberdade, já to disse.

Esopo. Promete-me a liberdade?! Veja lá o que diz!

Xanto. Prometo.

Esopo. Levante o dedo para o ar.

Xanto. Não só o dedo, mas toda a mão.

Esopo. Ora, pois, ande comigo, que o tirarei desse mar, e o porei em porto salvo.

Xanto. Vê lá o que dizes!

Esopo. Ande; ande, que mal sabe com quem vai. (Vão-se).

*Embolcar - emborcar.

CENA V

CENA V

Mutação de mar. Depois de se dizer dentro o que se segue, sairão Periandro, Énio e o mais que puderem.

Dentro. Vamos ver a Xanto beber o mar.

Outro. Vamos a praia; andem depressa, para tomarmos lugar.

Saem Periandro e Énio

Periandro. Confesso-vos, Énio, que já estou arrependido da aposta; porque bem sei que Xanto não há-de beber o mar.

Énio. Deixai, que isso é bom para se dar um alegrão ao povo.

Periandro. A gente vem concorrendo cada vez mais.

Saem Filena e Geringonça com os rostos cobertos.

Geringonça. Senhora, aí o que está de gente, para ver as habilidades do Senhor seu pai!

Filena. O caso é, Geringonça, que meu pai está mui caduco, e Esopo ainda mis tonto do que é. Vês tu a asneira de dizer que há-de beber o mar!

Geringonça. Lá está Periandro e Énio.

Filena. Já os vi. Tem sentido e não os percas de vista.

Geringonça. Esopo. se nos conhecerem aqui?

Filena. É impossível entre tanta multidão de gente; e mais vindo nós disfarçados.

Periandro. Muito tarda este bebedor dos mares!

Saem Xanto e Esopo, e todos darão muitos gritos e risadas

Todos. Vítor, lá vem o bebedor dos mares!

Esopo. De que se riem? De que fazem algazarras? Pois saibam que o Senhor Xanto não só é capaz de beber.

Xanto. Esopo, que é o que determinas fazer? Não vês este povo alvoraçado, e o meu crédito em balanças?

Esopo. Eu serei o fiel dessas balanças; e verá quanto pesa o meu talento.

Periandro. Senhor Xanto, por vossa mercê se esperava; vamos a isto.

Xanto. Esopo, e agora que hei-de dizer?

Esopo. Velha-o mil diabos! Não tema; tenha valor! Moradores de Atenas, o Senhor Xanto, meu Senhor, aqui vem para beber os mares, como apostou; e assim, primeiro que o faça, quer desencarregar a sua consciência; pois, bebendo o mar, como com o favor de Deus o há-de fazer, porque tem barriga para tudo, eis que, bebido o mar, por força o há-de urinar, e, ourinando-o, há de alegrar toda esta terra, e morrerão todos afogados.

Periandro. Para tudo há remédio. Depois que Xanto beber o mar, torne a ouriná-lo na mesma praia, e irá o mar para o seu mesmo lugar.

Xanto. Está bem; e se os peixes me entrarem pela goela, como há-de ser isso?

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Esopo. Não diga asneiras; pois para não engolir os peixes, podia beber o mar por um funil. Essa não é a dúvida; o caso é que prometeu beber o Senhor Xanto.

Periandro. Prometeu beber o mar.

Esopo. Pois bem; como a aposta foi de beber o mar somente, mandem fechar todos os rios vão dar ao mar; porque de outra sorte beberá, não só a água do mar, mas também a dos rios, o que não é da aposta. *

Esopo. Se vossas mercês não podem fazer um outro impossível.

Énio. Tem razão Esopo.

Xanto. Fechem os rios, e eu beberei o mar, para que estou pronto.

Periandro. Isso é impossível: desfaçamos a aposta.

Xanto. Desfaçamos.

Todos. Vítor Xanto!

Outro. Vítor Esopo!

Esopo. Vítor eu, e vitor amigos!

Xanto. Anda, que te quero um tabelião para passar-me a carta deste empenho. (Vai-se).

Esopo. Vamos a casa de um tabelião para passar-me a carta de alforria. Vou tão contente! (Vai-se).

Filena. Ó Geringonça, não te descubras, que aí vem Periandro chegando-se para nós.

*Esopo dá aqui o mesmo remédio que, perante problema idêntico, foi dado pelo moleiro do conto popular - Frei João Sem Cuidados - .

Geringonça. Dize bem; vejamos o que faz.

Periandro. Senhoras, querem um criado para as acompanhar? Não lhe merece reposta o meu rendimento? Só com acenos me dizem que não. Valha-me Deus, eu estou perdido pelo brio desta moça! Hei-de segui-la. Não te vás, formosa Vénus, que sem dúvida nasceste agora das escumas desse mar, para abrasar os corações. Se como a deidade te adoro, não desprezes as vítimas de um coração; descobre esse rostinho, que como Sol se quer nublar nessa importuna nuvem. Não importa que me cegues com raios, se amor já me cegou com delícias.

Filena. Uma vez que queres que em descubra, aqui me tens.

Geringonça. E a mim também. (Descobrem-se).

Periandro. Que é que vejo? Estou corrido! Cuidavas, Filena, que te havias de ir, sem que me falasses?

Filena. Queres agora dizer que saibas que era eu, falso, ingrato, inconstante?! Esses são os teus extremos? Essas as tuas finezas? Tão depressa te mudaste?

Periandro. Filena, não tens razão; eu bem sabia que eras tu; mas, como estavas galanteando comigo, eu também quis fingir que não te conhecia, sòmente para te ouvir; e, quando isto não fora, aí verás que, quando cheguei a amar, sempre foi a ti, e não sei que simpático influxo me arrebatava o coração, que te estava querendo.

Filena. Sempre me ofendeste na imaginação de que era outra.

Periandro. Meu bem, meu amor, nem por pensamento te ofendi; e, se acaso me não crês, deixa-me sepultar nesse mar, que só assim verás que mais quero a morte, que viver nos desagradados de teus olhos.

Filena. Tem mão, que eu não quero finezas mortas; deixa-me, Periandro; deixa-me lamentar as tuas falsidades ao som da minha mágoa.

Canta a seguinte

ÁRIA

Nesse líquido elemento,

Apesar de meu tormento,

Vejo, ó falso, o teu retrato,

Pois que tanto se parece

Na inconstância a esse mar.

Donde está, tirano ingrato,

A constância, que dizias?

Donde a fé, que prometias?

Pois não sabes ser amante,

Por mudável, inconstante,

Leve o mar o teu amor (Vai-se).

Periandro. Espera, Filena; não te vás com tanta celeridade; porém hei-de seguir-te, apesar da tua ligeireza; que, se amor te formou das penas asas, também saberei fazer dessas asas penas. Geringonça, detém a Filena.

Geringonça. Fez muito bem. Vocês são falsos, e se querem dourar? Pois sofram estes desprezos. (Vai-se).

CENA VI

CENA VI

Praça. Mutação de noite, e sai Esopo

Esopo. Com a turbamulta da gente me perdi de meu Senhor Xanto, e isto é já noite. Aonde acharei a este maldito? Estará em alguma taverna? Pois aqui mora um tabelião, e de nota, que sabe fazer bem as cartas de alforria. Ele aqui há-de vir, que este é o tabelião da casa. Ora graças a Deus, que já não serei singelo, senão forro, e eu forrado poderei com mais liberdade dizer a Filena o meu amor; pois tenho o demo da bugia presa no cepo do meu cora o, e eu lhe farei tais monarias, que ela saiba onde a bugia tem o rabo. Porém lá vem quem quer que  .

Saem Messénio e guardas.

Messénio. Quem vem aí?

Esopo. Eu, Senhor, não vou; venho.

Messénio. De onde vem?

Esopo. Eu venho da gera o de meu pai, por ascendência.

Messénio. Que armas traz?

Esopo. Ainda o rei-de-armas me abriu as minhas.

Messénio. Você faz-se tolo? Busquem-nos aí, a ver se leva alguma faca.

Esopo. Senhores, se eu venho a p , como hei-de trazer faca?

Messénio. Busquem-no bem.

1o Homem. Aqui tem uma cousa na algibeira.

Mulher. O que  ?

Esopo. Isso é um corno, que trago aqui por amor do quebranto. Ui, Senhores! Vossas mercês querem buscar l  por de tr s?

2O Homem. Sim, para ver se traz algum ferro l  escondido.

Esopo.   que del-Rei, Senhores! As minhas nádegas não são de contrabando. Busquem embora, que aí não há ferro; ferrado sim.

Messénio. Que trouxa   essa, que traz aí nas costas? Tirem-lha fora, e vejamos.

Esopo. Se vossas mercês ma tirarem, digo que são valentes.

1O Homem. Ela está atada de sorte, que a não posso tirar.

Messénio. Que é isso que levas aí?

Esopo. Não é nada; é uma corcova, para servir a vossas mercês.

Messénio. Apostemos que  s Esopo?

Esopo. Com que só Esopo   corcovado?

Messénio. Dize: para onde v s?

Esopo. Eu não sei para onde vou.

Messénio. Assim responde   Justiça? Levam-no preso.

Esopo. Vejam vossas mercês se disse eu bem, que não sabia para onde ia; pois na verdade que eu não sabia que ia para a cadeia.

Sai Xanto

Xanto. Onde se esconderia este Esopo, que tenho andado quebrando os narizes, sem poder topar com ele? Ali está a Justiça. Vou-me retirando.

Messénio. Quem vem lá?

Xanto. Amigos.

Messénio. Que amigos?

Xanto. Sou Xanto, filósofo.

Messénio. Senhor Xanto, veio vossa mercê a boas horas.

Esopo. As boas horas veio vossa mercê, às avessas.

Xanto. Senhor Messénio, que fez Esopo, pois o tem preso?

Messénio. Por não falar com cortesia à Justiça.

Xanto. Vossa mercê, Senhor Messénio, por quem é, há-de soltar a Esopo; pois bem sabe que é bobo e chacorreiro; e, se alguma cousa respondeu, seria por graça.

Messénio. Bastava ser cousa de vossa mercê para o soltar. Soltem a Esopo!

Esopo. Poh, Diabo, como fede! Os esbirros deviam soltar algum preso.

Xanto. Vossa mercê viva mil anos, Senhor Messénio, pela garantia que em fez de soltar a Esopo.

Esopo. Vossa mercê viva mil anos, pela galantaria que me fez em prender-me.

Messénio. Vamos correndo o bairro. (Vão-se).

Esopo. Ora, Senhor, aqui mora um tabelião; vamos, para me fazer a carta de alforria.

Xanto. Qual a alforria?

Esopo. Essa agora é bonecra!* Vossa mercê não me disse que, se o livrava de beber o mar, ficando com crédito e honra, que me havia de dar a liberdade?!

Xanto. Assim o disse, não o nego; mas eu já te dei a liberdade.

*Bonecra - boneca.

Esopo. De que forma?

Xanto. Quando eu aqui cheguei, estavas preso, e por amor de mim te soltaram. Logo, já te dei a liberdade e tenho cumprido a minha palavra.

Esopo. Essa não sabia eu. Assim se pagam os benefícios?! Mas eu tive a culpa. Deixara-o Eurípedes. Beber o mar, que, quando nada, podia ficar hidrópico com muita facilidade; e não fora eu taralhão, que o livrara dessa entaladura; porém eu me vingarei.

Xanto. Olha, Esopo, se me trouxerdes minha mulher para casa com alguma indústria, eu te darei a liberdade.

Esopo. Meta-me aqui o dedo na boca, para ver se o mordo. Nós es la burla para dos vezes.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Xanto. Anda para casa. Não te agastes (Vai-se).

Esopo. Vou feito um vinagre. (Vai-se).

CENA VII

CENA VII

Mutação de exército. Tocam tambores e clarins, e sairão Cresso, rei de Lídia e Temístocles a cavalo

Temístocles. Invicto Cresso, rei de Lídia, aonde intentas passar com os triunfos? Sem dúvida queres escurecer o nome e valor do mesmo Marte.

Rei. Temístocles, quando os homens, como eu, chegam a desembainhar a espada, há-de ser para conquistar o mundo; agora me falta avassalar esta pequena parte da Grécia; e seja de todas estas a primeira que sinta o raio da guerra, pois, degolada a cabeça, o corpo logo se prostra.

Temístocles. Os Atenienses. Senhor, são tão destros nas armas como nas letras; e bastava haver nela tantos sábios, para ser difícil render-se; que o bom conselho é o que dá as vitórias, maiormente tendo lá um homem a quem chamam Esopo, que dizem que é astucioso e grandes ardis.

Rei. Quem faz caso de um homem à vista de um exército? Que gente temos?

Temístocles. Cinquenta mil homens de infantaria, e vinte e quatro de cavalaria, fora os vivandeiros e gastadores.

Rei. Toca a passar mostra* , que quero reclutar** as tropas e batalhões e deles escolher poucos e bons, para ir sobre Atenas; e a mais gente fique para se empregar em outras peças com os cabos que eu nomear.

Temístocles. Toca a passar mostra.

Irão saindo os soldados ao som da caixa

Rei. Temístocles, vinde tomar as ordens e chamar os cabos a conselho.

*Mostra - revista.

**Reclutar - recrutar.

CENA VIII

CENA VIII

Descobre-se um templo e no fim dele estará uma estátua de Júpter, ao pé da qual há-de haver uma águia com três raios nas unhas, a qual se há-se mover ao seu templo, e cantará o coro; e ao mesmo compasso irão saindo Messénio, Xanto, Periandro e Esopo, o qual dançará, e depois que se cantar, tocarão tambores.

Esopo. Aqui nos correm a caixa.

Messénio. Que novidade é esta?

Xanto. Isto é caso nunca visto!

Sai Énio

Énio. Senhores, toda a cidade está alvoroçada à vista de um poderoso exército com que El-Rei Cresso de Lídia vem destruindo os campos, e já à vista das nossas muralhas; e tu, Messénio, como general das armas sai a defender-nos.

Messénio. Eu vou e verá El-Rei Cresso o meu valor.

Énio. Sempre tive agouro com este Júpter. Valha o Diabo a El-Rei Cresso, que no melhor que eu estava fazendo um contratempo, nos veio fazer um passapié* daqui fora.

Messénio. Vamos, Senhores.

Xanto. Esperai; pois, já que estamos aqui no templo de Júpter, consultemos o seu oráculo, e o que ele nos disser obremos.

Periandro. Aconselhou como sábio.

Messénio. Pois, Xanto, pergunta tu, que como douto o farás melhor.

Esopo. Meu Senhor fala aos jovens** como ninguém.

Xanto. Grande oráculo de Júpter, como resistiremos a El-Rei Cresso de Lídia?

Esopo. Pois aquilo tinha muito que dizer? Tudo é opinião neste Mundo.

*Passapié - passa-pé (minuete).

**Jove - Júpter - Aos jovens - aos deuses.

Haverá como terremoto e estrondo

Esopo. Irra, que terremoto! O templo parece que se vem abaixo! Este Júpter será gago, que tanto lhe custa a falar?

Canta-se o recitado seguinte, como em resposta do oráculo de Júpter

RECITADO

Ao mais livre de vós e ao mais escravo

Consultai, que é um oráculo vivente,

E vereis claramente

Do que saber quereis o desengano.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Ele será o remédio deste dano;

E para que o saibais com mais clareza,

Dessa águia reparai na ligeireza.

Voa a águia acima dita e se põe sobre a cabeça de Esopo, que cairá por terra, e depois se irá por como estava

Esopo. Vocês não vem a pássara, que anda voando de verdade?

Xanto. A águia de Júpter voando! Isso é novidade! E vai direita para Esopo.

Todos. Que portento!

Esopo. Xó, diabo! Passa fora!

Xanto. Deixa; não enxotes, tolo; olha que é sacrilégio.

Esopo. Com que, por ser de Júpter, deixarei que me tire um olho! E mais de quê, eu sei porventura se é águia, ou corvo?! E isto com três raios nas unhas, que me chamusque o cabelo.

Xanto. Quem será o venturoso, sobre quem se ponha esta águia?

Esopo. Eu sou o venturoso desgraçado! Xó, à que del-Rei!

Voa outra vez a águia e torna para o mesmo lugar, e levanta-se Esopo

Periandro. Sem dúvida que Júpter quer que Esopo seja o oráculo.

Messénio. Pois responda Esopo.

Xanto. Que há-de dizer um escravo?

Esopo. Eu não tenho dúvida em descifrar* este enigma da águia; mas há-de ser com condição que me hão-de dar a liberdade.

Todos. Dê-se a liberdade a Esopo.

Messénio. Xanto, dá a liberdade a Esopo e quando não, lha dará o povo e ficará livre.

Xanto. O que hei-de fazer por força, quero-o fazer por vontade. Esopo, estás liberto.

Esopo. Agora, sim! Nobres Atenienses, dai-me atenção, que falo sério. Bem vistes que a águia de Júpter se pôs sobre a minha cabeça. A águia é o símbolo dos Impérios, e eu era escravo, e isso quer dizer que o Império de El-Rei Cresso nos quer avassalar; mas, como depois disso o escravo conseguiu liberdade, também Atenas terá a mesma fortuna, se seguir os meus conselhos.

Xanto. Bem descifrado enigma!

*Descifrar - decifrar.

Todos. Viva Esopo, e ele seja o director desta guerra.

Xanto. Esopo, aquela casa é tua; ainda que libertos estás, não te apartes de mim.

Esopo. Algum diabo, que eu me vá de casa, estando nela a Senhora Filena, a quem entro agora a servir a mostra-me seu amante às escâncaras. Xanto, vamos, que hoje vos faço a honra de ser vosso hóspede.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Todos. Viva Esopo, nosso libertador!

Esopo. Não gabem a porca, antes de passar o marrão.

Todos. Vamos a pelejar!

Canta o coro, e se dá fim à primeira parte

ATO II

CENA I

PARTE II

CENA I

Mutação de selva, e no fim haverá um palácio onde estará a mulher de Xanto, e sai Esopo

Esopo. Venho deitando o bofe pela boca fora. Bofé*, que ainda depois de liberto não tenho uma hora de sossego. Pois meu patrão está ateimado a que lhe leve para casa a mulher, que lhe fugiu. A isto venho eu com tanto perigo, porque os inimigos não tardarão muito em vir. Se me agarram, lá ai Esopo os diabos. Como trarei eu esta maldita mulher para casa, que uma mulher teimosa é pior que um cancro, que não tem cura? Mas ali vejo uma Quinta; e, se me não engano, lá está uma mulher; e polo fartum da cólera é a Senhora Eurípedes. Pois agora a ela lhe arderá o rabete! Há por aqui quem venda alguns perus, patos, galinhas, coelhos e outras cousas comestíveis?

Eurípedes. Esopo, que é isso? Que buscas? Anda cá. É possível que me não viesses ver até agora?

Esopo. Ai Senhora, confesso-lhe que não tenho tido uma hora de meu com o casamento de meu amo o Senhor Xanto.

Eurípedes. Como é isso? Xanto casa?! Pois eu já morri?!

Esopo. Prouvera a Deus! (À parte). Sim, Senhora; casa o Senhor Xanto com a mais linda rapariga que há nesta terra. Apenas vossa mercê se foi de casa escumando como uma cadela de fila,

*Bofé - à boa fé; francamente.

quando logo foram tantos os casamentos que saíram a meu amo, que isso foi uma cousa nunca vista. Ajuntaram-se na porta tantas mulheres todas as gritar: a mim, a mim! Outras diziam: eu, eu! Então acabei de ver quanto valia um filósofo. Meu amo, vendo que choviam nele mulheres como na rua, mandou que subissem todas e que o levassem por oposição, visto estar vago o estrado de vossa mercê. Foi cousa para ver como elas se opunham umas às outras! Qualquer delas sabia bem da arte de amar; porém Geringonça (que também entrava no concurso) levou a palma em vida; e, como meu amo estava afeiçoado de Geringonça, ela foi a que triunfou e com efeito está teúda e manteúda em casa. Amanhã se faz o casamento, para o que venho a apenar* todas as aves de pena. Adeus, Senhora. Há por aqui quem venda alguns perus, patos ou galinhas?

Eurípedes. Espera, Esopo; olha cá o que te digo.

Esopo. Se tem alguns perus para vender, venham, que os quero comprar.

Eurípedes. Ele pagará o pato. Há maior desaforo! Que este magano de meu marido não basta namorar-se da criada, mas também casar com ela! Estou uma víbora.

Eurípedes. Eu o creio.

Eurípedes. Xanto casar-se com outra mulher?! Isto é crível?

Esopo. Pois se ele está vivo! Não se fora vossa mercê da casa.

*Apenar - castigar. Aqui, depenar.

Eurípedes. Espera, Esopo, que eu vou contigo perguntar a esse insolente se há-de casar com outrem, estando eu viva.

Esopo. Esopo. tão viva, que tem o espírito no corpo.

Eurípedes. Se apanhara agora aquele velhaco, lhe havia de dar muito couce. Estou ardendo com zelos! Montanhas, como não caís sobre mim para sepultar-me?

Esopo. Espere, se quer que caia um troco sobre o seu corpo; isso farei eu.

Eurípedes. Deixa-me, Esopo, que estou zelosa.

Esopo. Parece que lhe ardeu o rabo.

Canta Eurípedes a seguinte

ÁRIA

A víbora insana

Dos zelos com ira

Penetra tirana

O peito que espira

Nas ânsias da dor.

Frenética morro;

Aflita suspiro,

Langüente respiro

Nos zelos de amor. (Vai-se).

Esopo. À fé, que ela vem para casa. Ora já logrei o meu intento. Mas que ouço? Tambores? O inimigo já vem chegando; vamos a defender a praça. (Toca o tambor).

CENA II

CENA II

Mutação de arraial, e no fim estará um castelo com gente de guerra, e saem El-Rei Cresso, Temístocles e mais soldados

Temístocles. Soberbos e arrogantes são os muros de Atenas! Parecem inconquistáveis!

Rei. Por isso mesmo será Atenas o alvo de minhas iras militares. Se vos parecem soberbos e arrogantes esses muros, logo os vereis reduzidos a lamentável estrago. Ó Atenas, ou tu te hás-de render, ou eu hei-de ficar sepultado debaixo de tuas muralhas.

Temístocles. Senhor, o bom Capitão deve ser prudente, e não temerário.

Rei. A prudência é capa dos medrosos. O empreender possíveis é princípio de triunfar. Vá volantim* À praça e diga aos Atenienses que quem se acha nesta campanha é El-Rei Cresso de Lídia, a cujo valor se tem sujeitado todo o Peloponesso; que me acho com a flor de minhas tropas; que, se quiserem sujeitar com capitulações honrosas, pagando-me um leve tributo, escusarão de experimentar os rigores da guerra e um assalto rigoroso; e, quando não, não ficará pedra sobre pedra.

Irá um volantim ao muro e dará o mesmo recado, ao que respondem da muralha

Messénio. Dizei a El-Rei Cresso de Lídia que Atenas, como soberana, nunca reconheceu superior; e que seu exército não nos assombra; pois os de Atenas brigamos com dobradas armas, que são as do entendimento e as da guerra; e assim, que nós resistiremos até morrer.

*Volantim - emissário.

Rei. Notável resolução!

Canta o Rei a seguinte ária e recitado, e depois dá-se o assalto

RECITADO

Ânimo, pois, soldados valorosos;

Castiguemos a bárbara ousadia

De Atenas temerária,

Sentindo o insensível

De Mavorte* feroz a fúria horrível.

ÁRIA

A fábrica altiva

De tanto edifício

Cruel sacrifício

De Marte será.

O fogo que acende

Belona** no peito

O muro desfeito

Em cinzas fará.

Rei. Valorosos soldados neste primeiro assalto consiste a honra e o valor. Toca a investir!

Toca-se, e se dá o assalto, arrimando duas escalas, por onde subirão alguns soldados a brigar com os da praça, e se lançará ao mesmo tempo algum fogo.

*Mavorte - Marte.

**Belona - deusa da guerra.

Depois de alguma resistência, entre as vozes dos soldados dirá o rei.

Rei. Toca a recolher; suspenda-se o assalto, que morreu muita gente.

CENA III

CENA III

Mutação de sala, onde estarão Xanto, Énio e Periandro, e haverá como uma grande cadeira no fim

Xanto. Não é razão que pelo exercício das armas se suspenda o das letras; e assim, enquanto pelejam os soldados no muro, não quero esteja ocioso o discurso nas aulas. Sentemo-nos e vá de argumentos.

Sai Esopo

Esopo. Ai, quem me acode, que morro?

Xanto. Que tens? Que te sucedeu?

Esopo. Venho esfaltado de brigar com os inimigos, que deram um assalto na praça.

Periandro. Pois vencemos?

Esopo. Eu, suposto lá me achasse, não vi cousa alguma.

Periandro. Como? Isso implica.

Esopo. Não implica; de sorte que eu ia para ver o assalto, quando me disse um soldado, que era todo uma nata, e estava sentinela: se quer ver, há-de pagar à porta! Esopo. quis a minha desgraça que não levava dinheiro; e, como me viram sem laia*, deram-me logo uma baixa redonda.

Periandro. Bom director temos para esta guerra!

*Sem laia - sem categoria; sem valor.

Entendo, Esopo, que, se tu fazes das tuas, que todos ficaremos cativos de El-Rei Cresso.

Esopo. Se isso assim for, pegue vossa mercê no Senhor Júpter e dê-lhe muito acoite; pois ele foi o que me alcovitou para ser general desta guerra.

Xanto. E que novas me dás de minha mulher?

Esopo. Ainda essa é pior guerra, porque é uma guerra porca; pois, quando se encoleriza, tocando com as vaquetas das pernas no tambor da sua paciência, cada palavra é uma bala, e cada saliva um perdigoto.

Xanto. Pois, homem, vem para casa, ou não?

Esopo. Esteja descansado, que ela logo vem; porém, ainda que mal pergunte, hoje há aqui conclusões?

Xanto. Há uma conferenciazinha *; e tu, Esopo, também hás-de argumentar.

Esopo. Quem defende?

Periandro. Eu defendo três pontos.

Esopo. Quais são, que eu também quero meter o meu bedelho?

Periandro. As questões são curiosas.

Esopo. Diga, que também sou curioso.

Periandro. O primeiro ponto é que o maior indício do amor é andar um amante triste. O segundo ponto é que o amor, para ser perfeito, há-de ser cego. Esopo. o terceiro definir cousa é o amor.

Xanto. Eu presido; argumente Énio e Periandro.

Esopo. Na terra dos cegos quem tem um olho é rei. Argumente o Senhor Énio, que eu estou já pulando para conseguir esgrimir a espada da eloquência.

*Há uma conferênciazinha... - Segue-se crítica mordaz e chocarreira aos processos de argumentação dos escolásticos, e aos bacharéis.

Énio. Ora contra o primeiro ponto, em que se afirma o maior indício do amor é andar triste um amante, argumentando assim: A tristeza é indício do desgosto; o amor é o maior gosto; logo, não pode ser a tristeza indício de um gosto, qual é o amor.

Xanto. Repita.

Periandro. Nego que o amor seja o maior gosto.

Énio. Provo. Se o amor não fora gosto, todos o aborreceriam; e, como todos procuram o amor, logo o amor é gosto.

Periandro. Todos apetezem o amor com vontade constrangida, concedo; com vontade livre, nego.

Xanto. Admiravelmente; porque a vontade forçada não é vontade.

Esopo. Isso se acaba com a experiência. Vamos às galés, e faça-se autonomia em um forçado, para ver se tem a vontade livre.

Énio. Contra.

Esopo. Ora cala-se, que não há-de levar a melhor de se seu Mestre; pois, ainda que diga uma asneira, sempre há-de vencer. Deixe-o agora comigo, que hei-de buscá-lo: *Faciat mihi edicendi veniam, Pater Magister barbatus, e enamorus cum Mixela sua, contra punctum corridum sic argumentor:** Se o indício maior do amor fosse a tristeza, non tangeretur violam Barbeirus visinhum mecum and namorandam cachopan; sed sic est que a viola é namorandam fregnam non usaretur de cousa alegre.

Periandro. Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria; pois às vezes nela se tangem sons tristes.

Esopo. Non potest esse; argumentor ita: Não haverá barbeiro, que ad namoradam, vel bichancreandam fregnam non tangat oitavado; atqui que o oitavo é som folgazão; ergo, amor inginhatur com cousa alegre.

**Faciat mihi dicendi veniam...* - Para mais fortemente meter a ridículo os escolásticos, põe o nosso autor na boca de Esopo, o gracioso da comédia, estas e outras frases em latim macarrónico. O chamado Palito Métrico, folheto inicial, entre nós, dessas espécie de latim (14 páginas), foi publicado em 1746, ou seja cerca de sete anos depois da morte do Judeu. O uso do latim macarrónico seria, portanto, já coisa corrente, entre os estudantes de Coimbra, na

Esopaida, ou , Vida de Esopo

época em que António José da Silva frequentou a Universidade.

Xanto. Distingo: O oitavo é som folgazão: ut vulgò a arrepia, concedo; porém se é o oitavo mole, nego.

Esopo. Tudo o que é mole, se arrepia; o cabelo se arrepia, porque é mole; ergo, o oitavo mole e o arrepia se não podem separar, por serem ejusdem furfuris. Este argumento não tem resposta; assim o dis Galeno: Omne molle arripiatur; ou surripiatur, como diz a glosa.

Xanto. Ora cal-te, que não dizes nada.

Esopo. Olhem vossas mercês; sempre um exemplo aclara muito bem um calcanhar. Vá fora da forma: Se a tristeza fora significativo do amor, seguir-se-ia que o burro era a mais amante criatura, pois é certo que não há animal mais triste, melancólico e sorumbático do que o burro; e assim, ou vossa mercê me há-de conceder que o burro é amante, ou há-de negar que a tristeza não é sinal de quem tem amor. Quid dicis ad haec?

Xanto. Digo que tens razão.

Énio. Vítor Esopo! Boa paridade!

Esopo. Pois eu não disse por paridade; o certo é que eu sou um grande talento.

Énio. Contra o segundo ponto das conclusões que quis que o amor, para ser perfeito, há-de ser cego: o amor reside na vontade; o entendimento é o farol que guia a vontade; logo, se a luz do entendimento alumiar a vontade, nunca o amor seria cego.

Periandro. Respondo que nesse caso também o entendimento está cego. Se o entendimento está sem luz, como pode guiar a vontade?

Esopo. Espere, espere, que agora lhe salto nas ancas: totus amor est albarda; atqui que albarda est enxerga; ergo, o amor há-de enxergar.

Xanto. Quem te disse a ti que o amor era albarda?

Esopo. Ui, Senhor, desde que me entendo, ou antes de me entender, sempre no berço me embalaram com aquela cantiga:

O amor é uma albarda,

Que se põe em quem quer bem;

Eu, por não ser albardado,

Não quero a ninguém.

Xanto. Isso é questão de nome; vamos ao terceiro ponto, que é definir o amor.

Periandro. Agora defina Esopo o que é o amor, que nós lhe argumentaremos.

Xanto. Dizes bem; ouçamos o que diz, e vejamos o seu juízo.

Énio. Bem está, que ele tem grande juízo. Assim o tivera eu!

Esopo. O meu juízo já andou demandando em juízo; mas eu, por lhe faltar a vontade, me subo à magistral* e definirei o amor.

Todos. Ora ouçamos a Esopo; chitom!

Sobe Esopo à cadeira; e, assentando-se nela, diz:

Esopo. Vulcano, aquele cérebro ferreiro, a quem a Gentilidade hipotecou o domínio do fogo,

foi marido de Vénus (ainda que outros dizem que Vénus é que foi a sua mulher). Valha a verdade, que eu com isso me não meto! O que sei que é, estando Vénus ao pé de uma bigorna em que Vulcano estava batendo um ferro em brasa e sobre este descarregando o martelo, eis que salta uma faísca, prega-se na barriga de Vénus e, como à queima-roupa, atea-se o incêndio na camisa; mas quis não sei quem que, como Vénus era filha do mar alto, o fogo a não pudesse abrasar, fazendo-lhe uma empola na barriga. Cuidado, Senhores, com o fogo, principalmente junto da formosura; porque a beleza é isca, que com qualquer fogo se atea; é mecha, que com qualquer faísca estoura. Bem se viu no presente caso, mas não parou aí o estrago, porque a tal empolazinha, ainda que diziam os médico ? não é nada, não é nada ? ela em nove meses cresceu de tal sorte, que aprecia um tambor. Vendo-se a formosa Vénus em tanto perigo, mandou chamar três velhas, suas conhecidas, e insignes mezinheiras. (Eram elas mulheres muito honradas no seu corpo, e nos seus adornos mui parcas). Cada uma, conforme a sua antigüidade, foi-lhe apalpando a barriga.

*À magistral - à cadeira magistral.

A primeira velha disse: - Senhora, a barriga de vossa mercê tem tal quentura, que me persuado que tem nela um incêndio. Disse a Segunda: - Pois eu, se me não engana o tacto, acho a barriga de vossa mercê tão dura, que cuido tem dentro dela um calhau. Respondeu a terceira velha: - Com licença das senhoras comadres, cuido que o que Vénus, minha senhora, traz na barriga é um bicho, pois pelos saltos que dá nela, assim me atrevo a afirmar. Palavras não eram ditas, quando estoura Vénus pelas ilhargas, e saiu como uma pelota um rapaz, cego de ambos os olhos, com aljava ao ombro e na mão um arco; e, pondo-se em pé, disse a criança: - Não quebrem a cabeça, que o que minha mãe tinha na barriga era o amor, que sou eu! Vendo as velhas este prestígio, disse a primeira: - Não cuides. Cupido (que o rapaz logo trouxe o nome consigo), que não cuides que me deste quinau, pois tanto montava dizer que Vénus, tua mãe, tinha na barriga um incêndio, que o Ter amor; porque amor e incêndio tudo é o mesmo. A quantos amantes na tirania de um desdém faz o amor seu foguete, e de rabo, quando dá as costas aos carinhos, por mais que busca pé para disparar nas meninas dos olhos o foguete de lágrimas, que chora? Todas as árvores de geração são esgalhos da árvore do fogo do amor, donde cada bomba é um pomo e cada folha um tranque; porque todo amor acaba de estouro. Para as damas é o amor borralho; para os moços esquentador; para os asnos fogo selvagem *; para os lacaios fogo lento;

*Selvagem - forma popular de selvagem.

para os tafuis fogo viste lingüiça; para os pretos tição; para os rapazes fogueira, e para todos Inferno. Disse a boa da minha primeira velha. Quando a Segunda, inchando o gorgomilo e encrespando as cordoveias, disse: - Pois na verdade que me não enganei em dizer que Vénus tinha um calhau na barriga; pois nenhuma outra cousa é o amor senão uma pedra; e se não, vejam: A cabeça do amor é pedra de porco espinho, pois pica os pensamentos amorosos; a testa é mármore, de que se lavram as estátuas da ausência com o buril da memória: os olhos são esmeraldas, cor da esperança, com que engana; a boca rubim, pelo sanguinolento; a garganta pedra hume, pelo que aperta; o peito diamante, porque um amor só com outro amor se lavra; os braços, por vitoriosos, pedras vitorinas; as mãos pedra lipis *, pelo que

Esopaida, ou , Vida de Esopo

cauterizam, e finalmente o rabo pedra bazar. É o amor, pelo forte, rocha viva; quando prosa, pedra de raio; quando engoda, pedra de açúcar; quando atrai, pedra íman; quando experimenta finezas, pedra de tocar; quando vence impossíveis, a melhor pedreira; e quando doura agravos, pedra filosofal. Para as mulheres, pedra de estancar sangue; para os homens, pedra de funda; para quem foge, ou as amola, rebolo; para os barbeiros, pedra de afiar; para as cozinheiras, pedra de ferir lume; para os mochilas, pedra da rua; para os marujos, lancho da praia; para os meninos, confeito seixinho; para os gulosos, pedra de cevar; para alguns, pedra cordial; e para todos, pedra de escândalo. Ainda não tinha bem acabado de dizer a última sílaba, quando a outra velha, abrindo a

*Pedra lipis (lipes) - sulfato de cobre.

caixa da boca, tirou o cachundé* da eloquência e, já quase enfurecida, disse: - Suposto, Senhores, que eu seja mulher, não hei-de ficar vencida; porque, se afirmei que Vénus tinha na barriga um bicho, não disse mal. Pois que cousa é o amor, senão um bicho, um animal, e um lagarto? E, senão pergunto: Que é o amor senão uma hidra de sete cabeças, que nem o mais valente Hércules pode vencer? É cameleão, que se sustenta com o vento das lisonjas; é tarântula**, que com os descantes cura o veneno; quando diligente, é santopeia; quando se ateia, aranha; quando com vista mata, lince; quando cega, toupeira; quando desdenhoso, ouriço; quando tímido, lebre; quando valente, tigre; quando fiel, cachorro; quando menino, lesma; quando arrastado, cobra; quando trombudo, elefante; quando néscio, camelo; quando furioso, leão; e quando pára, sendeiro. É o amor para as damas, arminho que regala; para as freiras, cãozinho que afaga; para as velhas, dragão que mete medo; para os mancebos, cavalinho da alegria; para os velhos, cavalo cansado; para as cozinheiras, gata borrarheira; para as feias, cão de arame; para os valentes, anta; para os granadeiros, lontra; para os sapateiros, bezerro; para os casados, touro; para os pacientes, cabrão; para os asnos, burro, que dá couces na alma; e finalmente bugio, porque a todos prega o mono. Pra prova desta verdade perguntai a esses amantes o que fazem,

*Cachundé - essência.

**Tarântula - aranha venenosa.

***A todos prega o mono - a todos põe macambúzios.

Para explicar o seu amor! Sabeis o que fazem? Fazem um bicho; porque o mesmo é fazerem um bicho, que dizerem que tem amor; pois o amor é bicho. É o amor bicho de concha, que no mar de Vénus se gerou; é bicho de seda, que, transformando-se em borboleta, se parece com o amor nas asas; é bicho de cozinha, que tempera os gênios mais ásperos; é sabichão, porque a todos engana. Quando nos embebeda, bichaninha gata; quando nos mete medo, bicharoco; quando no chupa o sangue da bolsa, é bicha; e finalmente é bicho carpinteiro, que não pode estar quieto com os seus bicharocos. E concluiu o velha toda esta arenga, fazendo um horrendo e espantoso bicho, dizendo: Quem vossa mercê, Senhor Cupido? Essa é boa! Essa é a definição do amor que lhe deram as três velhas, vindo a concluir que o amor é fera, raio e pedra; fera nos estragos, raio nos incêndios e pedra na dureza. Esopo. quem quiser mais vá a sua casa.

Xanto. Por certo que definiste bem o amor; e em prémio da tua sabedoria terás o grau de doutor em filosofia.

Periandro. Justo é que laureemos a Esopo.

Énio. Esopo merece todas as honras de sábio.

Xanto. Hás-de ser mestre do curso que há-de abrir para o ano.

Esopo. Isso é pulha! Mestre do curso! Muito hei-de gostar em alfazema e alecrim, para perfumar a aula, que cheirá, que será um desamparo.

Xanto. Hás-de ser mestre do curso que se há-de responder a uma pergunta solta, que é costume académico.

Esopo. Quem pergunta, saber quer. Ora vá!

Xanto. Dize, Esopo: por que razão chamam aos corcovados poetas?

Esopo. Sic quarit, e respondeo: Chamam aos cancundas poetas, porque os versistas deste tempo são poetas, mas é cá para trás das costas.

Periandro. Boa resposta!

Énio. Boa agudeza!

Esopo. Aí está ela muito à ordem de vossa mercê.

Xanto. Ora eu te constituo doutor, Esopo, pela autoridade que tenho da República.

Periandro. Muito bem, Senhor Doutor.

Énio. Senhor Doutor? Seja-lhe muito parabém.

Esopo. Com que só basta dizer o Senhor Xanto que sou doutor, para logo o ser?!

Xanto. Quem o duvida?

Esopo. Ora eu cuidava que para ser doutor era necessário andar um homem em Salamanca sete anos, e no cabo só uma palavra basta para ressuscitar a um néscio do sepulcro da ignorância!

Sai Eurípedes gritando muito, e dará com a cadeira no chão e ficará Esopo debaixo dela

Eurípedes. Donde está este patife e este velhaco de meu marido? Donde está, que lhe quero perguntar se há-de ir raso com outra mulher, estando eu viva? Tudo há-de ir raso nesta casa; não há-de ficar pedra sobre pedra.

Esopo. À medida que del-Rei, que morro, que me estalou a corcova! Antes queria ser burro vivo, que doutor morto.

Xanto. Senhora, que terremoto é esse que vem fazendo? Que tem?

Eurípedes. Ainda que me pergunta que tenho? Você casado com Geringonça, estando eu viva?!

Xanto. Eu, Senhora?! Isso é testemunho!

Eurípedes. Esopo, não mo disseste?

Esopo. É verdade; mas, como vossa mercê não queria vir para casa fazer vida marital com meu patrão, foi-me preciso fingir que ele se casava; porque vossa mercê então, apossada dos zelos, viria para a sua companhia.

Xanto. Eu te perdoo a peça, pela indústria com que a trouxeste para casa.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Eurípedes. Esopo, desavergonhado, tu me foste enganar? Pois em ti vingarei a minha raiva. (Dá-lhe).

Esopo. Tá, tá! Tenha mão para lá, que não já sou seu cativo, que me libertou o povo; e além disso sou doutor em filosofia, que é o mesmo que mestre em alhos; e já agora tão bom, como tão bom.

Eurípedes. Está bem; tu mo pagarás. Anda, Xanto. (Vai-se).

Énio. Vinde, Periandro , que já não posso aturar o diabo da mulher.

Periandro. Ide, Énio, que quero ver se posso falar com Filena que há dias que não a vejo.

Énio. Pois ficai-vos embora. (Vai-se).

Periandro. Se estará ainda Filena mal comigo, pois desde o dia que o pai foi para beber o mar, me não quis falar? Bem disse Esopo que o amor era pedra, fogo e fera, pois tudo tenho, e tudo acho em meu amor: fera na condição de Filena; fogo no incêndio de meu peito; e pedra no imóvel com que me detenho nesta casa, que parece que sou o mesmo edifício aonde habita Filena. Oh, quem nunca soubera o que era amor!

Sai Filena

Filena. Quem está aqui?

Periandro. Quem há-de ser, senão quem adora, não só o ídolo de tua formosura, mas até as paredes do templo, onde te elevas a deidade?

Filena. Se soubera que estavas aqui, não passara por esta sala.

Periandro. A tanto chega o teu ódio, que nem ver-me desejas?

Filena. Não posso responder, porque minha mãe já veio para casa e lhe vou falar.

Periandro. Espera, que te não hás-de ir, sem primeiro fazermos as pazes; pois sem razão vejo que estás contra mim.

Filena. Não quero admitir desculpas, que hão-de ser tão falsas como tu, que as pretendes dar; deixa-me, Periandro, que vou ver minha mãe.

Periandro. Escuta sequer um breve instante, Filena, as queixas de um amante aflito; não queiras que de todo acabe desesperado aos golpes de uma mágoa.

Filena. Por me não deteres mais, dize o que queres dizer.

Periandro. Pois escuta.

Canta Periandro a seguinte

ÁRIA

Ingrata, não sei porquê,

Podendo eu ser feliz,

Fazes com teu rigor

Que chegue a enlouquecer.

Cruel deidade, vê

Que, ainda que infeliz,

Em mim se acha amor,

Antonio José da, Silva

Que puro sabe arder.

Compadecida da tua mágoa, buscarei hora em que com mais vagar te desculpes, e eu te satisfaça. (Vai-se).

CENA IV

CENA IV

Mutação de Câmera, e sai Esopo com um papel na mão

Esopo. Grande peso tenho sobre as minhas costas! Não bastava esta corcova, mas sobre ela ainda um amor, como um inchaço! Eu confesso que sim, tinha amor à menina, depois que a vi ontem caindo-lhe a baba pelos cantos da boca, ainda fiquei abrasado. Vejam agora a asneira deste meu amor, em que havia achar motivo para se atear! Eu tomara declarar-me com ela. Se pegar, muito bem; quando não, pouco se perde; mas eu acho de mim para mim que ela não há-de ter dúvida a ser minha amante, pois já agora sou doutor e ela que mal lhe estará levar em capelo a minha contubérnia amorosa?

Sai Filena

Filena. Esopo, dous dias que não dás lição. Ora vamos a isso.

Esopo. Ora digam agora vossas mercês sem paixão: quem se não há-de namorar daquela cara, que apreço pintada a óleo de linhaça? *

Filena. Vamos à lição, se queres; se não, vou-me. Isso não quero. Olhe, menina, ninguém corre atrás de nós; tempo tem a lição; conversemos um pouco primeiro.

Filena. Ora conversemos, que eu gosto muito das tuas graças.

Esopo. Mais entendo eu que gosta das minhas desgraças.

Filena. Das tuas desgraças?! Como?

Esopo. Bem; já estou metido na tramóia. Eu começo a explicar-me. Como está o senhor seu pai dos flatos?

Filena. Que tem cá as tuas desgraças com os flatos de meu pai?

Esopo. Isto foi um entreparente **; mas o caso é que as minhas desgraças vossa mercê... quando... hoje... amanhã... Eu estou fora de mim! Não digo cousa com cousa!

Filena. Que dizes, que te não entendo?

*Pintada a óleo de linhaça - Outra referência aos bonifrates.

**Entreparente - entre parêntese.

Esopo. Agora, eu me explico. De sorte que eu... não... não... e maneira... que vossa mercê... não... sim... não... espere... faça vossa mercê de conta...

Filena. Que hei-de fazer de conta? Tu estás bêbado?

Esopo. Não estou bêbado, por vida minha; ora espere, que eu me explico neste

SONETO

Ora aspiro *, ora temo, ora duvido;

Ora grave, ora meigo, ora severo;

Ora enjeito, ora peço, ora não quero;

Ora paro, ora tenho e ora envido;
Ora inculto, ora monstro, ora Cupido;
Ora pronto, ora tímido, ora fero;
Ora livre, ora escravo, ora impero;
Ora amante, ora ingrato, ora sentido;
Ora morro, ora vivo, ora me afago,
Ora rio, ora choro, ora me assanho;
Ora já, ora não, e ora logo.
Ora envido, ora perco e ora ganho;
Ora incêndio, ora neve e ora fogo.
Estranho variar de amor estranho!
Filena. Tens dado mais horas**, que um relógio e em tantas não te pudeste explicar.

*Ora suspiro, etc. - Neste soneto, imita António José da Silva os poetas quinhentistas ao definirem o amor e as suas contradições.

**Horas - Referência ao freqüente emprego da conjunção ora, no soneto.

Esopo. Pois, Senhora, nas horas desse relógio apontava o mostrador do meu enleio, quando a formosura de vossa mercê me tem feito em quartos, e por instantes morrendo na repetição dos golpes.

Filena. Sim? Pois que é?

Esopo. É o coração, que está a bater.

Filena. Pois isso que tem? A todos faz o mesmo.

Esopo. Será; mas eu acho que o meu coração não cabe na pele, porque tem dentro...

Filena. O que tem?

Esopo. Tem a, a, a...

Filena. Se não passas do A, pouco sabes. Que é o que tens, que estás gago?

Esopo. Quero dizer amor, e não me chega a língua. Ora escute, que cantando me explicarei; pois que o amor é tarântula, como disse um discreto, que fui eu, com a música curarei o veneno do coração.

Canta Esopo a seguinte

Sabes tu quem me atormenta?

De mansinho, aqui em segredo:

É... mais ali, que tenho medo!

Ora digo resoluto:

És tu mesma, ingrata, tu.

Tu fabricas este enredo

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Aos meus olhos, que lamentam

O rigor daquele mostro,

Que anda cego, nu e cru.

Filena. Com quê, te namoraste de mim?! Vivas muitos anos, que eu disse não me ofendo.

Esopo. Sim, mas eu queria...

Filena. Que querias?

Esopo. Eu sei! Querei que me correspondesse também, que nos escrevêssemos de parte a parte, ainda que sempre falamos; queria que desse mais um coração de azeviche, com uma fita da sua anágua *, e a fita havia falar em esperança. E indo nós assim andando, aos depois o tempo daria de i alguma coisa; pois que diz? Sim?

Filena. Valha-te o Diabo, mofino, que sempre hás-de estar de pachorra! Vamos à lição, anda, que ao depois quero me notes** uma carta para Periandro, que me hei-de escrevê-la pela minha própria mão, e da minha letra, tal e qual.

Esopo. Com quê, não há que deferir ao meu requerimento; e, sobre não ser admitido como amante, hei-de ser alcoviteiro? Isso, não há lei que o mande; e, se Cupido tal souber, é capaz de se leva de um jacto; eu irei colhendo favores às furtadelas. Ora ande, menina; escreve lá.

Filena. Dize devagar, e que amanhã me fale; escolhe tu que for mais seguro.

Vai ditando Esopo e escreve Filena

Esopo. Meu bem Esopo, de quem fio os segredos do meu coração, diga o quanto este se abrasa nas chamas do amor; não lhe posso dizer mais, nem menos; que aos bons entendedores pouco lhe basta. Amanhã à tarde espero vê-lo no pátio escuro para o enxergar melhor, o qual cai para a

*Anágua - saia branca, usada sobre a camisa.

**Notar - redigir.

estribaria* do cavalo de meu pai. Muito sua pelo sovaco. Ponha um Filena. Com um Esopo. atrás.

Filena. Há-de ser P, e não E. Não vês ? tu que se chama Periandro?

Esopo. É o que me faltava, querer a discípula ensinar ao mestre! Diga lá o A, B,C.

Filena. A, B,C,D,E,F.

Esopo. Basta; pare aí. Não vê, tolinha, que o Esopo. está atrás do F, e não o P? Ponha, ponha como lhe digo.

Filena. Tens razão; eu ponho.

Esopo. Ao menos a carta é toda lida desta forma.

Lê Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração.

Esopo. Meu bem Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração.

Filena. Não quero; hás-de ler assim: Meu bem, virgula; Esopo de quem só fio, &c.

Esopo. Não faça caso de pontos e vírgulas, que já se não usam. Ai, que aí vem seu pai!

Esopo. Não a darei senão a mim, que eu daqui em diante hei-de ser o teu Periandro. (À parte).

Sai Xanto

Xanto. Esopo, que escrito é esse, que aí tens?

Esopo. É a carta da menina.

* Estribaria - estrebaria.

Xanto. Como vai ela com o ler?

Esopo. Admiravelmente: já dá escritos a maior facilidade do mundo.

Xanto. Sendo tu seu mestre, não duvido que esteja tão adiantada.

Esopo. Ah, Senhor, que, se ela tomara bem as minhas lições, talvez quisera hoje noutra estalo.

Xanto. São raparigas; querem brincar. Ora, Esopo do meu coração, depois que você veio este tigre de minha mulher para casa, ainda não pude mais falar a Geringonça, e importa falar com ela cousa de grande empenho. Estimara que amanhã à noite nos viéssemos no pátio da estribaria. Esopo, peço-te isto como amigo. Adeus, que me não posso deter.

Esopo. Este pátio da estribaria, que diabo terá para os amantes? Porém só na estribaria merece estar quem é amante.

Sai Geringonça.

Geringonça. Ora, Esopo, tu fazes zombaria de mim?

Esopo. Doutor de quando em quando.

Geringonça. Que ande eu morrendo de amores por ti, e que tu tão seco, tão despegado e desdenhoso me faças desprezos!

Esopo. Mulher, ou tição do Inferno, não me deixarás? Como queres que te queira bem, se não acho por onde te pegue! Não vês, que és uma cozinheira, e eu sou um doutor?

Geringonça. Tu és doutor?

Esopo. Quando nada; porquê? Não me viste logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora se está bem a um doutor casar com uma cozinheira. Já se tu foras doutora, tranca; porém uma criada chirle, fedendo a adubos, non sufretur in rerum natura.

Geringonça. Ai, tu sabes latim?

Esopo. In totum; ite, ite ad temperandas panellas.

Geringonça. Agora te quero mais: olha, que importa que tu sejas doutor? Não vês que o cavalo alimpa a égua?

Esopo. Ergo, cavalus sum ego?

Geringonça. Não entendo o que dizes; fala-me como dantes.

Esopo. Non possum., quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.

Geringonça. Donde aprendeste isso tão depressa?

Esopo. Venit Abel alto, e non te importat.

Geringonça. Que o achaste na porta?

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Esopo. Não há maior desesperação! Queres tu também agora aprender latim? Mulher, como te hei-de dizer? Não te posso querer bem. Deixa-me; quanto mais me segues, mais me persegues. Arre com a sarna!

Geringonça. Que sofra a seguinte

ÁRIA

Vou-me embora, Esopo ingrato,

Já te deixo, pois não quero

Teus repúdios aturar.

Tu desprezas o meu trato,

Sem olhar que te venero?

Pois o amor ma há-de vingar. (Vai-se).

Sai Messénio.

Messénio. Esopo, estamos perdidos.

Esopo. Porquê? Algum nos busca?

Messénio. Saiu do exército de El-Rei Cresso um soldado a desafiar um dos nossos, e que amanhã o esperava no campo, só por só, e com armas iguais; e, quando não, que incorreríamos em pena de cobardes; e o pior é que não há quem queira aceitar o desafio, porque os melhores cabos e soldados estão doentes das feridas das setas; e assim, pois Júpter te escolheu para director desta guerra, dize o que faremos.

Esopo. O caso ainda assim é de barbas; mas, por vida de Esopo, que eu mesmo hei-de sair em pessoa ao desafio.

Messénio. Tu, como, se não sabes jogar as armas, e os inimigos são destros nelas?

Esopo. Vossa mercê, Senhor Messénio, Esopo, está enganado. Quem lhe disse que eu não sabia jogar as armas? Ainda não há muitas horas que joguei a minha espada com um tambor ao jogo das chapas.

Messénio. Não te ponhas com graças; dá remédio a cousa de tanto empenho.

Esopo. Pois, Senhor, tenho dito; eu mesmo sairei; eu posso fazer mais que dar conselho e executá-lo? Ora ande, que na guerra val mais a indústria que o valor.

Messénio. De ti tudo se espera. (Vão-se).

CENA V

CENA V

Mutação de arraial e aparecerá a praça, e a um lado El-Rei Cresso com alguns soldados, e no meio do teatro Temístocles com espada e rodela.

Rei. Já que fizeste o desafio, vê lá como te saís dele; não nos desacredites.

Temístocles. Tão poucas experiências tenho dado do meu valor em tantas campanhas, para que agora Vossa Majestade desconfie de mim?

Rei. Bem sei que és bom soldado e valoroso; mas nem sempre a fortuna pode ser favorável. Queira Júpiter que triunfes, que a tua glória será a minha.

Temístocles. Venha quem vier; venha o mais valente soldado dos Atenienses, que do primeiro revés o hei-de descabeçar. Olá da praça, não vem esse valente?

Haverá uma porta na muralha da praça, por onde sairá Esopo armado com capacete, espada e rodela, e dará dentro o que se segue.

Dentro Esopo. Já vou; espere, que me estou apolvilhando *. Cuidado, não me fechem a porta do muro, que importa.

Sai Esopo

Esopo. Ora salve Deus a vossa mercê.

Temístocles. Você é o do desafio?

Esopo. Cuido que sou eu, se me não engano. Arre, lapas!** Estava eu manso e pacífico, quem me meteu em desafios? Ah, D. Quixote, aonde estás, que aqui eras tu gente!

Temístocles. Ora, pois; vamos a isso depressa.

*Apolvilhar - cobrir de pó.

**Arre, lapas! - arre, maçadores!

Esopo. Ui, Senhor, que pressa tem vossa mercê? Morra eu de cutiladas, mas não quero morrer de afogadilho. Com licença de vossa mercê, já venho.

Faz que se vai e torna a voltar.

Temístocles. Aonde vás?

Esopo. Vou mudar de camisa, que entendo que estou mijado com alguma cousa mais.

Temístocles. Bem contrário tenho eu! Desta vez logro o triunfo. Meçamos as armas: estão iguais. (Medem as espadas).

Esopo. Estão iguais?! Não há tal!

Temístocles. Como não?

Esopo. A sua espada tem punho de prata, e a minha de cabelo. Não, Senhor; hão-de ser armas iguais,, ou não hei-de brigar.

Temístocles. Iguais se entende do mesmo comprimento. Bem parece que isto não é terra de

Esopaida, ou , Vida de Esopo

soldados, mas sim de filósofos.

Esopo. Tu o amargarás na conclusão. (À parte).

Temístocles. Pois estão as armas iguais, agora partamos o sol.

Esopo. Que parta o Sol? Quer-me você partir o Sol da índia com os dentes? Quem parte o Sol, melhor me partirá a cabeça.

Temístocles. Bem estamos. Toquem os clarins a investir.

Esopo. Mande antes dobrar os sinos, porque eu desta vez fico enterrado.

Tocam uma marcha com as trompas.

Rei. Que farão os dous, que tanto tardam a investir?

Temístocles. Ora, vamos.

Esopo. Pois vamos? Adeus, até amanhã.

Temístocles. Brigemos; quando não, vou dando.

Esopo. Dê, dê, que eu farei queixa a sua mãe. E que fará agora Geringonça? (À Parte).

Temístocles. Ora já te não posso aguardar, que as dilações periga o meu crédito. (Investe).

Esopo. Espere, espere; tenha mão, que já não pode brigar.

Temístocles. Porquê?

Esopo. Porque o ajuste foi ser com armas iguais; quanto a isso, não se me dá.

Temístocles. Não se te dá armas? Pois em que te fias?

Esopo. Fio-me na coura*.

Temístocles. Pois, se as armas estão iguais, que mais falta aqui para a lei do duelo?

Esopo. O desafio foi que havia ser só por só.

Temístocles. Só estamos.

Esopo. De burro. Isso é não ser valente. Você com gente de escolta atrás?! Aonde está aí a graça? Não sabe que nec Hercules conra duo; quanto mais quem não é para ser criado de Hércules?

Temístocles. Eu venho só e não trago nenhum comigo. (Volta-se).

Esopo. Quer agora negar o que eu estou vendo? Olhe para trás e verá com os seus olhos. Ai! Um, dois, três, dezanove, cinqüenta.

Ao voltar Temístocles a cara, dá-lhe Esopo uma cutilada e deitará a fugir a praça e cai Temístocles.

*Coura - couraça.

Esopo. Agora, que se vira, reviro eu. Zumba! (Vai-se).

Temístocles. Ah, traidor, que me mataste! Traição, traição!

Rei. Que foi isso, Temístocles? Tu ferido dessa sorte?!

Temístocles. Que há-de ser? Um traidor, que, dizendo-me que eu trazia frente de escolta, indo

a virar a cara me deu uma cutilada.

Dentro. Viva Esopo, Esopo viva! Vitória!

Rei. Com quê, Esopo foi o que veio ao desafio? Ainda estou mais picado!

Temístocles. Veja nossa Majestade se disse eu bem, que Esopo nos havia de fazer a guerra.

Rei. Pois juro que daqui em diante apertarei mais o cerco, só para apanhar às mãos esse velhaco de Esopo; anda curar-te na minha tenda.

CENA VI

CENA VI

Mutação de colunas, ou pátio escuro azulejado, e no fim estará uma porta, e sai Eurípedes.

Eurípedes. Venho como tonta! Isto é o que quer que é. Estando eu no melhor do sono, não acho na cama o meu marido. Vou à cama de Filena, também não a acho, nem Esopo aparece. Tenho corrido toda a casa alto a baixo, sem ver nenhum. Até me obriga a vir por este pátio. Entrei na estribaria, nada encontro. Que diabo será isto? Mas eu cuido que sinto pisadas; eu me retiro para este canto, que hoje haverá ? cerra, Espanha! (Retira-se).

Sai Filena

Filena. Aqui mandei que esperasse Periandro, e Esopo me disse que ele já aqui estava; mas eu não sei por onde ponho os pés, e tenho dado mil quedas; pois com escuro da noite não sei por onde venho, nem por onde piso. Ai, amor, a quanto obrigas!

Sai Xanto

Xanto. Agora acabo de ver que é cego o amor, pis como cego venho às apalpadinhas por tantos corredores, até chegar a este pátio, que há-de ser esta noite a campanha do amor, em que quero falar a Geringonça.

Filena. Mas eu cuido que ali vem gente; quem há-de ser, senão Periandro?

X Sinto pisadas, e o vulto, se me não engano, para mim se vem chegando; sem dúvida é Geringonça. Que espero, que lhe não falo? Vem embora, pois tu és a luz que me traz cego a falar-te. Tanto tardaste?

Filena. A voz é de meu pai; estou perdida! Ora, quando os velhos tem amor, que farão os moços! Eu vou-me retirando. Há maior desgraça, que, quando busco a Periandro, encontro meu pai! (Vai-se).

Xanto. Com os escuro não atino aonde ela está.

Vai Xanto chegando para onde está Eurípedes, e sai Esopo.

Xanto. Oh! Cá estás tu?! Pois agora já poderemos falar.

Eurípedes. Ai, é o Senhor Xanto? Pois eu me calo, até que ele se declare bem, que quero ver a quem busca.

Esopo. Esta casa parece-me encantada; pois desde a meia-noite, que saí da cama, até agora, estive sem atinar com o pátio. Valha-te o Diabo, pátio, que a tantos fazes patear!* Ora aqui estou eu no meio do campo. Venha agora Filena a desafiar-me, e veremos como se porta comigo. Esopo. o velho fica logrado, que eu não dei o recado a Geringonça.

Xanto. Minha Geringonça, não sabes que morro por ti? Pois como me desprezas?

Eurípedes. Eu me dito, meu feito! Ora quero fingir-me Geringonça.

Xanto. Não me respondes, amores?

Eurípedes. Como quer que o queira, se vossa mercê quer tanto a Senhora Eurípedes?

Xanto. Valha o Diabo Eurípedes, que por sua causa não me declaro teu amante! Tomara que já morrera para casar contigo.

Eurípedes. Há quem isso ouça! Eu quero disfarçar ainda.

Esopo. Muito tarda Filena! Donde estará esta bugia? Mas parece-me que já a estou vendo vir, tique, tique, com a sua anágua de franjas, sapatinho de tesselado, o cabelo desgrenhado, coberta com a sua capona. Mas aí, que agora me lembrou uma cousa; que, se ela me abraçar, poderá topar com a minha corcova e por ela conhecer-me pelo tacto! Pois bom remédio! Em tal caso, direi que me abrace pelas gâmbias, que é hoje o rigor da França; mas, se me não me engano, aí vem gente, e o pisar é de mulher.

*Patear - faz trocadilho com pátio.

Sai o burro, que vai para Esopo.

Ela é sem dúvida, que a conhece o nariz pelos aromas que exala. Esopo. como serena! Ora fingir-me quero Periandro. Vem cá, planeta da Quarta esfera; vem, formosa Vénus, a mitigar o febricitante ardor de meu peito, com o açúcar queimado dos teus carinhos. Não me dizes nada? Estás muda? Sem dúvida que o teu pudor te embarga as vozes na chancelaria do peito. (Zurra o burro). Cal-te, cal-te; não te sufoques. Coitadinha da minha menina, como estás touca! Estou tão contente! Desta vez hei-de dar duas figas ao amor.

Xanto. Muito te resistes, ingrata Geringonça!

Eurípedes. Quero apurar bem a paciência.

Esopo. Ora agora, meus amorinhos. Meu feitichinho, dá-me essa mão de jasmim ou esse pé de cravo, para pôr e dispor no canteiro de meu coração. (Zurra). Fala de mansinho, não ouça teu pai. Sempre me vás a fugir? Olha cá! Queres tu casar comigo? (zurra) Sim? Pois havemos sair a furto, deixa estar; mas tua mãe não o sabia.

Xanto. Ora isto é já desesperação.

Faz que pega nela.

Eurípedes. Retire-se de lá; quem é?

Esopo. Menina, não gastemos mais tempo; ajustemos o nosso amor. Ora dá-me um abraço; anda, não sejas burra.

Ao ir Esopo abraçar o burro, dá-lhe este dous couces, e aos gritos de Esopo sairá Geringonça com uma candeia acesa.

Esopo. À que del-Rei, que me matas! Ingrata, com isso pagas o meu amor?!

Geringonça. À que del-Rei, ladrões no pátio. (Sai).

Eurípedes. Guarde Deus a vossa mercê, Senhor Xanto. Pois que vai?

Xanto. Isto é encanto; mofino homem, que há-de ser de mim?

Esopo. Ui, Filena converteu-se em burro! Andou discreta, para a não conhecerem. Ó Filena, torna-te outra vez em gente, que com a baralhada que aqui vai, ninguém repara.

Geringonça. Eu estou pasmada! Que diabo é isto que vejo!

Eurípedes. Que diz agora, velhaco, magano? Pois quer que eu morra, para casar com Geringonça? À que del-Rei, sobre este magano!

Esopo. Esopo. o velho como está réu!

Xanto. Não te posso responder: vou matar-me, antes que me mates. (Vai-se).

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Eurípedes. Peguem-me nesse magano.

Geringonça. Ai, Senhora, deixe o triste velho; bem lhe basta os seus achaques.

Eurípedes. Ainda acodes por ele, velhaca? (Vai-se).

Geringonça. Não sou amiga de ouvir pendências. Esopo, que fazes aqui ao pé do burro?

Esopo. Cal-te, que não é burro; é Filena, que está disfarçada, para a não conhecerem. Não me dirás para que me trouxestes agora essa candeia, pois com ela fizeste tanto desarranjos?

Geringonça. Com quê, esta é Filena?

Esopo. De que tanto espantas? Nunca ouviste dizer que Vénus se converteu em gata? Pois que muito que Filena se converta em burro? Pois por certo que não é Vénus melhor do que ela.

Geringonça. Pois dá-lhe um abraço.

Sai Filena gritando.

Filena. Venham acudir a meu pai, que está para se enforcar na grade do leito, por não aturar as guerras de minha mãe!

Geringonça. Esopo, fica-te com o teu burro. (Vai-se).

Esopo. Ora só esta a mim se sucede! Que estivesse eu esfaltando-me em dizer finezas a um burro! Sem dúvida levei dou couces, cuidando que levava dous pescoções.

Filena. Andem acudir a meu pai, que se enforca.

Esopo. Deixe-o enforcar, que eu também vou fazer o mesmo. Arre com a cancaborrada* da noitezinha! Olhem, não há cousa mais fiel que o nariz; por isso lhe fedia o bafo a cevada; mas, como tinha o nariz cego de amor, cuidei que me cheirava a beijoim.

Filena. Anda; não te detenhas, que meu pai ninguém; e, se não, vamos e verá. Ah, ingrata, não te perdoo o susto desta noite, que toda foi uma burrada!

*Cancaborrada - cacaborrada (despropósito).

Cantam Eurípedes, Esopo e Geringonça a seguinte

ÁRIA A 3

Eurípedes. Cal-te, cal-te, marafona;

Cal-te, infame bribantona; *

Se não, vou saltando em ti.

Geringonça. Que fiz eu, Senhora quê?

Porque assim sem mais nem mais,

Tão cruel não me trate assi?

Deixe a moça. Ouves tu?

Não lhes digas chus nem bus,

Té passar-lhe o frenesi.

Eurípedes. Hoje aqui te hei-de matar.

Geringonça. Hoje aqui te hei-de estar.

Esopo. Eu aqui hei-de ficar.

Eurípedes. Pois que os zelos.

Geringonça. Pois que a dor,

Esopo. pois que amor,

Todos. Já me faz desesperar.

Eurípedes. Não te quero mais em casa;

Vai-te, vai-te para fora.

Geringonça. Saiba Deus e todo mundo

A inocência em que me fundo.

Esopo. Cal-te, filha; alimpa o ranho,

Toma o manto e vai-te embora,

Todos. Que os enredos deste pátio

Não se podem aturar.

*Bribantona - birbantona.

CENA VII

CENA VII

Mutação de Câmera. Saem Xanto e Esopo.

Xanto. Esopo, ouve-me, por tua vida.

Esopo. Senhor, eu confesso-lhe que já estou arrependido e arrenegado; nem quero ouvi-lo, nem quero nada desta casa; vou-me embora.

Xanto. Pois porquê?

Esopo. Ui, Senhor! É zombaria andar aqui em uma roda viva, Esopo de dia, Esopo de noite, como se eu fora algum bonecro de cortiça?* Uma casa de enredos e um enredo sem fim? Vossa mercê libidinoso, e sua filha rude, sem tomar as minhas lições; e sobretudo uma mulher brava. Haverá resistência que tal possa sofrer? Pois...

ÁRIA

Ver o tigre de minha ama,
Quando em cólera se inflama,
Dizer ao marido amante:
Venha cá, velho bribante!
Esopo. o velho paciente,
Com voz baixa e tremebunda,
Lhe diz: - cal-te lá, serpente.
Quando diz de lá Filena:

*Bonecro de cortiça - Outra referência à matéria de que eram feitos os bonecos ou bonifrates das óperas.

- Mãe, não seja impertinente;
Tenha modo, e tenha siso!
Mas confesso que com riso
Me faz isto escangalhar.
E que o mísero carcunda,
Vendo tanta barafunda,
Tal se atreva a tolerar!
Sai Messénio

Messénio. Que seja possível que estejas a cantar, Esopo, quando estamos na maior aflição!

Esopo. Pois quê? Temos outro desafio?

Messénio. Não vês o miserável estrago em que está a praça, com um cerco há tantos tempos, sem nos vir socorro de parte alguma, e já não há comer para os soldados? Nestes termos, dize:

o que haveremos de fazer?

Xanto. Senhor, eu sou de parecer que nos entreguemos, que não há resistência a um poder tão grande.

Esopo. Cala-se lá; não se meta aonde não chamam. Ah, Senhor Messénio, Júpiter, que me nomeou para general, bem sabe o que fez, que ele não se engana comigo. Mande vossa mercê escolher um par de soldados, os que lhe parecem mais valentes, e a cada um dê uma saia e uma mantilha, e que se preparem com armas curtas e esperem por mim à boca da noite no postigo da muralha, que eu lá estarei, e que façam o que eu disser.

Messénio. Que intentas fazer?

Esopo. Logo o saberá. Andem comigo, que são uns fonas.

Xanto. Queira Deus, Esopo, que acertes.

CENA VIII

CENA VIII

Mutação de arraial. Descobre-se a praça com o cerco dos soldados, El-Rei e Temístocles.

Rei. Notável constância tem mostrado os Atenienses neste sítio, apesar de todo o meu poder, se resistem valentes!

Todos. Eu entendo, Senhor, que cedo capitularão,; pois, segundo as informações que deu um soldado que fugiu da praça, está já sem mantimentos; com que cedo lograremos a vitória.

Rei. Tomara haver às mãos este Esopo, que só por ele aperto o cerco da praça. Mas não vês abrir-se o postigo da muralha?

Sai do postigo Esopo, vestido de mulher, e da mesma sorte alguns soldados, com alguns cutelos, que ao depois puxarão por eles, e diz dentro Esopo o seguinte:

Dentro, Esopo. Não me fechem a porta, que aliás perderemos o peso e feitio.

Messénio. Vai descansado, Esopo, que aqui fico eu; e Júpiter permita que te não suceda alguma.

Esopo. Quando eu der um assobio, fazer o que tenho dito e fingir fala de mulher (Saem).

Temístocles. Quem vem lá?

Esopo. Senhor soldado que já foi quebrado, somos umas aflitas mulheres, que queremos falar a El-Rei Cresso, ou da Lídia.

Rei. Aqui me tendes. Que é o que quereis?

Esopo. Vossa Majestade sabia que eu sou uma donzela, salvo tal lugar, que com estas companheiras saímos da praça, ou para melhor dizer nos lançaram à margem.

Rei. Esopo. porque vos expulsaram?

Esopo. Eu sei? Senhor, Vossa Majestade, se algum dia foi mulher, bem saberá das nossas mazelas; mas, pelo que me disse um tio meu, tambor, que se lançava a gente inútil para a guerra, porque comíamos o comer dos soldados.

Rei. Pois tanta falta há de mantimentos?

Esopo. Ai, Senhor, isso não se fala; eu ontem comi uma frigideira de lêndas, por não ter outra coisa; esta minha companheira, parindo ontem um filho uma vizinha sua, o comeu, e ainda lhe lambeu os beijos. Pois água? Só dos olhos bebemos as lágrimas. Enfim, Senhor, nós estimávamos muito que nos deitassem fora, para enchermos a barriga; pelo que vos pedimos, Senhor, que nos mandeis dar de cear e agasalhar; e adverti que a clemência nos príncipes é a melhor pedra que adorna a tua coroa.

Rei. Temístocles, agasalhai essas mulheres, que eu me vou recolher. (Vai-se).

Temístocles. Suposto que o escuro da noite mal me deixa perceber as feições desta moça, pelo metal da voz e pelo modo, me tem cativado. (À parte).

Esopo. Pois havemos dormir no campo, senhor soldado?

Temístocles. No campo não, mas na minha barraca sim, pois me compadeço de vós; e na vossa companhia suavizarei as asperezas de Marte. Assim o permita o amor.

Esopo. Amor? Ai que graça! É nome, esse, que nunca ouvi. Estou bem vindo, se o soldado me

namora! (À parte).

Temístocles. Ora dissei-me: que faz lá esse magano de Esopo? Ainda é vivo?

Esopo. Coitado de Esopo! Anda bem achacado e já está quase louco com uma teima notável, dizendo que é mulher e não homem.

Temístocles. Tão grande juízo havia de dar volta; pois sinto; que, suposto me enganasse no desafio, contudo sei que é homem de prendas.

Esopo. Com que, vossa mercê é do desafio? Ora consola-se com as disposições do Céu.

Temístocles. Ora, meu amor, eu mando acomodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

Esopo. Para a sua barraca? Isso não!

Temístocles. Ora anda.

Esopo. E a minha reputação?

Temístocles. Vem segura, que os cavalheiros tem honra e piedade.

Esopo. Pois olhe, nessa certeza me fio; porém também me há-de fazer o favor de mandar retirar todos os soldados para as suas tendas.

Temístocles. Dizes bem; espera aqui, que eu mando aquartelar a gente, que suponho que os da praça não se atreverão a sair. (Vai-se).

Esopo. Isso é certo; tomaram eles bem pão! Olá, companheiros fiéis, cuidado; acometer com valor e ir dando a troxe-moxe *, que os apanhamos na cama.

Sai Temístocles

Temístocles. Todos já se recolheram; anda comigo.

*A troxe-moxe (= trouxe-mouxe) - a torto e a direito.

Esopo. Eu não vou sem as minha companheiras. Olá, agora! (Assobia).

Investem as mulheres a Temístocles, e mais soldados, entre os quais haverá pendência, e se recolhem pelo postigo do muro; e, quando Esopo for, achará a porta fechada.

Temístocles. Acudam todos. Traição, traição, que são os homens, e não mulheres!

Esopo. Dar a matar; morram estes cães!

Todos. Morram os traidores!

Esopo. Vamos, que já vem muitos.

Soldados. Vamos para a praça. (Vão-se).

Esopo. Não fechem a porta, que ainda falto eu para entrar.

Dentro. Não pode ser, que já os inimigos vem de envolta com os nossos.

Esopo. Se vem de envolta, não há que temer, que são crianças; abra depressa.

Dentro. Não há ordem.

Temístocles. Dá-te à prisão; se não, mato-te.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Esopo. Ai, meu bem, não me leves presa, que eu vou por vontade.

Temístocles. Ainda te finges mulher, velhaco?

Todos. Morra esse traidor!

Sai o Rei

Rei. Que alvoroço foi este?

Temístocles. Senhor, as mulheres eram homens disfarçados, que vieram com armas; e, apenas nos apanharam recolhidos, fizeram logo algum estrago nos nossos, que pudera ser mais; e todos fugiram e só apanhamos este.

Rei. Dize: quem és?

Esopo. Eu sou ninguém.

Temístocles. Agora conheço que és Esopo.

Rei. Confessa a verdade.

Esopo. Senhor, eu sou Esopo, que peço perdão a Vossa Majestade da minha descortesia.

Rei. Velhaco insolente, tantas me tens feito, que agora te mandarei enforcar.

Esopo. Olhe, Senhor, que eu sou nobre, e não posso morrer enforcado.

Rei. Ou possas, ou não possas, hei-de te matar; e só o deixarei de fazer, se me fabricares uma torre no ar.

Esopo. Aceito; dê-me a sua palavra, e juntamente me há-de dar os materiais.

Rei. Prometo tudo; pois vejo que tu não hás-de fazer a torre no ar, e assim sempre te venho a matar; vamo-nos, e levem-no preso, para que não fuja.

Esopo. Ai, amanda Atenas, que não sei se te virei mais! Adeus, Filena; adeus! (Vai-se).

CENA IX

CENA IX

Mutação de jardim com estátuas, e cantará o coro uma copla, sai Filena.

Filena. Só a música me diverte neste amoroso tormento em que vivo; pois, sobre não poder mais falar a Periandro, que suponho Esopo lhe não deu o recado, agora sei que Periandro vai também a pelejar, pela falta de soldados. Oh, que bata-lha sente o meu coração! Esopo., por ver se acaso podia divertir a minha mágoa, vim a este jardim, cujas estátuas estão feitas com tal artifício, que repetem fielmente o eco que uma pessoa articula. Divirta-mo-nos cantando.

Canta Filena a seguinte copla em ecos:

Em tanta pena prepara para ara,
O peito, quando se inflama flama ama,
Uma fineza amorosa amorosa, rosa,
Que amor em prantos derrama rama, ama
Sai Periandro

Periandro. Mudas estátuas que vivamente pronunciais o que articula um amante peito, já que pela minha boca me não atrevo a dizer o que sinto, por me não sufocar a pena, dissei pela vossa o que sem remédio choro.

Canta Periandro a seguinte copla:

Nesta frondosa floresta resta esta,
Quero, pois que o mal conspira, pira ira,
Dizer-te, que por amar-te marte arte,
Este prado me convida vida ida.

Filena. Amado Periandro, bem sei que vens a despedir-te, ou a dobrar-me os tormentos. Com quê, é certo que partes para a guerra?

Periandro. Bem sabes, Filena, que nunca me desejei apartar de teus olhos um instante; porém os soberanos preceitos se devem obedecer, maiormente por não caber em mim a nota de covarde.

Periandro. Não deixa de amar-te quem busca a Marte *; assim, minha Filena, as vozes desta despedida sejam as eloquências do pranto.

Canta Periandro e Filena a seguinte

ÁRIA A DUO

Periandro. Filena idolatrada,

Filena. Querido bem desta alma,

Periandro. Adeus, que já me ausento!

Filena. Adeus, oh, que tormento!

Periandro. Que eu vou a pelejar.

Filena. Que eu fico a suspirar.

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Periandro. Mais ai, Filena amada,

Filena. Ai, Periandro amante,

Periandro. Que te amo na partida,

Filena. Que te amo nesta ida,

Ambos. No pranto a vida dar. (Vão-se).

*Não deixa de amar-te quem busca a Marte - Note-se o trocadilho entre amar-te e a Marte.

CENA X

CENA X.

Mutação de arraial e castelo, e haverá uma tábua com quatro balaústres, e em cada um, um corvo, e Esopo dentro da dita tábua irá voando; e saem El-Rei, Esopo e outros.

Dentro. Vamos ver a torre no ar, que faz Esopo.

Rei. Esopo, vê que nisso está a tua vida ou a tua morte.

Esopo. Faremos muito por não morrer desta vez.

Rei. Que significam estes corvos?

Esopo. São os meus oficiais. Ora pois, atenção. Iça arriba! Os corvos não podem chegar aos espetos de carne; parecem Tântalos*.

Rei. Notável idéia! Já está bem alto.

Esopo. Ora, Senhor, eu aqui estou pronto, como disse, para fazer a torre no ar. Mande-me os materiais: cal, pedra, tijolo, madeira e o mais que for preciso para fabricar a torre.

Rei. Quem to há-de lá levar nesta altura em que estás?

Esopo. Pois, como me faltam com os materiais que prometeram, não está da minha parte o deixar de fazer no ar a torre, como afirmei.

Rei. Assim é; desce para baixo, que eu te perdoo a morte, pois da tua parte não faltaste ao prometido.

Esopo. Eu não sou tão tolo, que, estando no ar, que agora, mais que nunca, é livre, e estando à vista de Atenas, desça para baixo, aonde me podes estirar em três paus. Eu tomarei a liberdade por mim mesmo.

*Tântalo ? rei da Lídia, condenado por Júpiter a fome e a sede que nunca podia satisfazer, por nunca lhe ser permitido chegar a água ou a comida.

Com a tramóia vai Esopo voando, e mete-se dentro na praça.

Dentro. Aqui vem Esopo pelo ar; isto é novidade, e parece cousa de encanto! Viva Esopo!

Rei. Voou para dentro da praça: grande astúcia!

Temístocles. Senhor, se não matarmos a Esopo, nunca conquistaremos esta cidade. Bem vê já Vossa Majestade como é ardiloso.

Rei. Estou tão picado da peça, que agora mesmo a mando acometer; e até me não me entregarem a Esopo, não há-de cessar o combate. Olá! Toca a investir e dar um assalto geral na praça!

Toca e se dá o assalto.

Dentro. Estamos perdidos. Entreguemo-nos.

Rei. Entreguem a Esopo só, que não quero mais; quando não, a todos mandarei passar à espada, sem excepção de pessoas.

Dentro. Entregue-se a Esopo, que não é razão que por um se percam todos; entregue-se

Esopaida, ou , Vida de Esopo

Esopo.

Esopo. Ah, tiranos! Ah, ingratos! Com isso me pegais o bem que vos tenho feito?

Deitam a Esopo do muro a baixo por uma corda.

Rei. Anda cá, Esopo. Que mereces que te faça? Assim se engana aos Príncipes? Hoje há-de ficar sem vida.

Esopo. Pois, Senhor, antes que me mates, ouve-me duas palavras ao menos.

Rei. Dize; mas sem esperança de perdão.

Esopo. Era uma vez um vilão que, vendo-se perseguido de gafanhotos, pois toda a sua lavoura destruíam, começou um dia a matá-los; e, como visse uma cigarra, também lhe quis tirar a vida; ao que respondeu a cigarra: - Tenha mão vossa mercê, que sem razão me mata, pois eu não ofendo as plantas da terra; antes com a minha voz alegre aos caminhantes. Perdoou-lhe o vilão, ouvindo tais razões. Assim, da mesma sorte, ó Rei, eu não sou figura para te fazer oposição, nem que destrua o teu reino; sou, sim, uma cigarra, que não tenho mais do que esta voz ou esta indústria, com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) esta praça; e, se hum vilão perdoou a morte à cigarra, tu, que és um rei, porque me não perdoarás também?

Rei. Valha-te Deus por Esopo! Já estás perdoado: quero ser teu amigo daqui em diante, que os homens da tuas prendas são para estimar. Pede o que quiseres, que tudo te hei-de fazer.

Esopo. Peço, Senhor, que ajusteis as pazes com os Atenienses e que cessem já estas guerras.

Rei. Assim o farei. Olá da praça! Abram as portas, que pelos rogos de Esopo tenho feito as pazes e levanto o cerco.

Dentro. Viva El-Rei Cresso de Lídia! Abram-se as portas! (Entram).

CENA XI

Depois de entrarem, haverá mutação de sala e irão saindo todas as figuras.

Todos. Viva El-Rei Cresso de Lídia! Viva!

Rei. Nobres Atenienses, a Esopo daí os vivas, pois ele foi o que me pediu a paz. E assim, por que não fique sem prêmio um homem de tanto juízo e que deu tanto em que cuidar aos meus soldados, mando que Esopo seja, enquanto viver, governador desta praça enquanto ao político, e como a Rei lhe obedeçam.

Esopo. Beijo as mãos a Vossa Majestade, pela honra que me faz.

Todos. Viva Esopo, e viva El-Rei!

Esopo. Viva até que morra! Agora, com licença do Senhor Rei, quero casar, para que seja meu padrinho. Venha cá Filena.

Periandro. Se Esopo casa com Filena, estou perdido!

Filena. A isto só podiam chegar as minhas desgraças!

Xanto. Que se viesse Esopo em tantas alturas! Cousas são da fortuna!

Esopo. Filena, pois sempre amou a Periandro, casem, que eu serei o padrinho, já que fui o medianeiro.

Periandro. Beijo-te os pés, Esopo, pelo favor.

Filena. Ora, concluiu-se o nosso amor.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Esopo. E, pois Geringonça sempre me quis bem, há-de ser minha mulher. Geringonça, dá cá essa mão de almofariz, para com ela pisar a pimenta do meu afecto.

Geringonça. Lembrou-se Deus da minha pobreza e honestidade.

Eurípedes. Já agora, não andará Xanto com Geringonça com amorinhos.

Esopo. Senhores, isto está concluído; e com vodas se perdão dos erros, repetindo o coro os vivas desta vitória.

Canta o coro

FIM

Esopaida, ou , Vida de Esopo

